



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
PPGA/UFPB

Luzicleide Sousa de Lima

**Entre curtidas e comentários: uma netnografia sobre a
sociabilidade travesti no Facebook**

João Pessoa
Agosto de 2016

Luzicleide Sousa de Lima

**Entre curtidas e comentários: uma netnografia sobre a sociabilidade
travesti no Facebook**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba para
obtenção do título de mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Lara Santos de Amorim

(Co) orientador: Prof. Dr. Pedro Nascimento

João Pessoa

Agosto de 2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAEE)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



LUZICLEIDE SOUSA DE LIMA

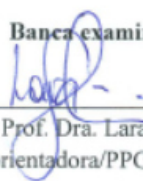
**“ENTRE CURTIDAS E COMENTÁRIOS: UMA NETNOGRAFIA SOBRE A
SOCIABILIDADE TRAVESTI NO FACEBOOK”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Resultado: Aprovada

Em: 31 de agosto de 2016.

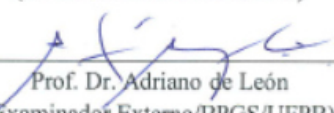
Banca examinadora



Prof.ª. Dra. Prof.ª. Lara Santos de Amorim
(orientadora/PPGA/UFPB)



Prof. Dr. Pedro Francisco Guedes do Nascimento
(Co-orientador/PPGA/UFPB)



Prof. Dr. Adriano de León
(Examinador Externo/PPGA/UFPB)



Prof. Dr. Marco Aurelio Paz Tella
(Examinador Interno/PPGA/UFPB)

L732e Lima, Luzicleide Sousa de.
 Entre curtidas e comentários: uma netnografia sobre a
 sociabilidade travesti no Facebook / Luzicleide Sousa de Lima.-
 João Pessoa, 2016.
 102f. : il.
 Orientadora: Lara Santos de Amorim
 Coorientador: Pedro Nascimento
 Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL
 1. Antropologia social. 2. Travestis. 3. Performance.
 4. Fotografia. 5. Facebook.

UFPB/BC

CDU: 39(043)

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus por todos os momentos de alegrias e tristezas na minha vida...

Ao meu filhote amado Witamar Bernardo (Witinha) que teve muita paciência com a “mamadi” no decorrer da construção desse trabalho. E por ser a razão e o orgulho da minha vida.

Aos meus pais Sr. Givaldo Lima e a Sra. Luzinete Lima que me apoiaram, e por serem as peças fundamentais tanto na minha vida acadêmica quanto na minha vida pessoal.

Aos meus irmãos Gilson Lima, Luzineide Caminha e Letícia Sousa pelo companheirismo e amizade.

Aos meus sobrinhos Alessandro, Miguel, Micael e Artur com muita ternura a esses bebês que a titia ama muito.

Ao meu amor, Massimiliano Toya, melhor amigo e companheiro pelo seu apoio, carinho e incentivo.

A todas as pessoas da minha família com afeto e gratidão, mas sem citá-l@s para não correr o risco de esquecer alguém.

À minha orientadora professora Lara Amorim, em especial, pela paciência, colaboração, acompanhamento que muito auxiliou no amadurecimento dos meus conceitos durante toda a realização desse trabalho.

Ao meu co-orientador Pedro Nascimento pela paciência e pelas leituras atentas, incentivo e confiança.

A minha grande amiga Tatiana Lilia que tenho um grande afeto e respeito.

Aos professores do PPGA que contribuíram para a minha formação como antropóloga. Especialmente aos professores Mônica Franch e Marco Aurélio pela participação no meu exame de qualificação, com sugestões importantes que muito me auxiliaram. Aos professores Adriano de Léon e ao professor Marco Aurélio por terem aceitado o convite de fazer parte da banca de defesa dessa dissertação.

Aos discentes do mestrado de antropologia com quem pude trocar experiências, idéias e pelos debates maravilhosos em sala de aula.

A todas as “travas” glamorosas que merecem todo respeito e admiração.

A tod@s, MUITO OBRIGADA...

Resumo

O objetivo desse trabalho foi elaborar uma netnografia, partindo do método etnográfico para compreender como quatro travestis dão significado aos seus corpos através da performance dentro e fora do Facebook. Desse modo, procurou-se compreender os elementos simbólicos com os quais elas significam seus corpos para dar forma e auxiliar na construção de suas identidades virtuais. Os dados apresentados nesse trabalho são resultados de uma pesquisa elaborada através de entrevistas presenciais e também por meio do Messenger do Facebook durante o período de janeiro de 2015 a abril do ano de 2016. Embora cada travesti possa perceber como é o seu próprio corpo, a fotografia para elas pode ser considerada como um instrumento que facilita na construção do feminino que pretendem representar. Nesse contexto, o gênero da identidade travesti não é simplesmente uma performance no sentido de ação teatral que escolhem para encenar, o que as travestis representam é um, ou até vários “femininos” que elas constroem ao usar suas fotografias como autorepresentação de suas identidades.

Palavra chave: Travestis;Facebook; Fotografia;Performance

Abstract

The aim of this study was to develop a netnography through ethnography to understand how some transvestites give meaning to their bodies through performance in and out of Facebook. Thus, understanding the symbolic elements that they use their bodies to form and assist in building their virtual identities. The data presented in this work are the results of a survey conducted through personal interviews and also through the Facebook Messenger during the period January 2015 to April 2016. Although each transvestite can understand how your own body, picture to them can be considered as a tool which facilitates the construction of the female intended to represent. In this context, the gender of transvestite identity is not simply a performance in the sense of theatrical action they choose to act out, what transvestites represent is one or even several "female" that they build using their photographs as self-representation of their identities.

Keyword: Transvestite; Facebook; Photography; Performance

Lista de ilustrações

Figura 1- Página inicial do Facebook	24
Figura 2 – Quadro de emotions	32
Figura 3 – Botão curtir e seu novos “like”	33
Figura 4 – Militante Janaina Lima	47
Figura 5 –Travestis e Transexuais brasileiras	48
Figura 6 – Yasmin Limah carão 1	56
Figura 7 –Yasmin Limah carão 2	56
Figura 8 – Yasmin Limah “vivendo momentos”	58
Figura 9 – Painel Yasmin Lima de menino à Miss	59
Figura 10- Yasmin Limah versus Nanda Costa	60
Figura 11 – Yasmin Limah versus Bruna Marquezine	61
Figura 12- Yasmin Limah a princesa.....	62
Figura 13 - Yasmin Limah no mural.....	63
Figura 14 – Oficina Drag.....	66
Figura 15–Thuane Aylla rainha da bateria.....	69
Figura 16 -Thuane Aylla sequência I.....	70
Figura 17 – Thuane Aylla sequência II.....	70
Figura 18–Thuane Aylla na parada gay.....	71
Figura 19–Thuane Aylla antes e durante evento.....	71
Figura 20 –Thuane Aylla “carão”.....	72
Figura 21 – Ingrid Lemos na praia.....	75

Figura 22 – Ingrid Lemos em “caras e bocas”	77
Figura 23–Ingrid Lemos “biquinho”	77
Figura 24 – Ingrid Lemos capa do perfil do Facebook.....	79
Figura 25 – Karla Houston no ambiente do trabalho I.....	87
Figura 26 – Karla Houston no ambiente do trabalho II.....	87
Figura 27 – Karla Houston posando.....	88
Figura 28 – Valeska Poposuda posando.....	89
Figura 29 – Karla Houston na foto do Orkut.....	90
Figura 30 – Selfie Yasmin Limah.....	92
Figura 31 – Selfie Thuane Aylla.....	93
Figura 32 – Selfie Ingrid Lemos.....	93
Figura 33 – Selfie Karla Houston.....	94

SUMÁRIO

Digitando a senha para (Ne) etnografar as “travas” na rede social.....	11
1 Estar lá <i>online</i> e estar aqui <i>off-line</i> : uma netnografia do Facebook.....	17
1.1 Conectando-se ao Facebook.....	24
1.2 Depois de dar uma “olhada” é só curtir e comentar: o “parecer ser” através da fotografia	33
2 A identidade travesti: a produção do corpo no Facebook.....	41
3 Entrando no campo	51
3.1 Perfil 1: Yasmin Limah.....	53
3.2 Perfil 2: Thuane Aylla	64
3.3 Perfil 3: Ingrid Lemos.....	74
3.4 Perfil 4: Karla Houston.....	80
3.5 A relação entre os perfis.....	91
Desconectando-se da rede... ..	98
Referências bibliográficas	100

Digitando a senha para (Ne) etnografar as “travas” na rede social...

O interesse de pesquisar sobre corpo, gênero e sexualidade surgiu quando eu estava no curso de graduação em Antropologia, a partir da minha participação como aluna regular na disciplina Estudos Etnográficos, ministrada pela professora Silvana Souza do Nascimento no ano de 2008. Eu e os outros alunos selecionamos alguns livros propostos pela docente e um destes foi o livro *Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*¹ uma etnografia realizada pelo antropólogo sueco Don Kulick. A leitura do mesmo trouxe muitas curiosidades e descobertas para nós, discentes. A apresentação desse livro ocorreu em vários seminários realizados e a atividade final da disciplina foi elaborar um artigo sobre a temática proposta. Sendo assim, foram realizadas algumas entrevistas e depois cada aluno discutiu em sala de aula as suas experiências etnográficas.

Na ocasião, entrevistei duas travestis num local escolhido por elas localizado no centro histórico da cidade de João Pessoa, em frente à igreja São Pedro. Ao combinarmos esse encontro elas pediram que depois da entrevista fossem fotografadas e que depois após alguns dias eu entregasse a elas as fotografias num CD-ROM. Em 2008 ainda não era comum as pessoas possuírem um celular com câmera acoplada que permitisse a publicação instantânea das suas imagens nas redes sociais. Por isso, levamos uma câmera digital, que nessa época já possuía algumas vantagens em relação à câmera analógica². Por exemplo, ver a imagem antes de ser revelada e também não depender da quantidade de poses num único filme. Foram feitas várias fotos na câmera digital e quase todas as vezes elas pediam para olhar como tinham saído na fotografia, quando não gostavam pediam para excluir e voltavam novamente a fazer outras poses. Elas procuravam exibir os cabelos, esconder o “pomo de Adão”³ e manter as pernas entrecruzadas quando sentadas nas escadarias da igreja de São Pedro. Um detalhe que percebi na ocasião é que elas pretendiam sair nas fotos “de um jeito natural”, como se fosse

¹Esse livro é o resultado de uma etnografia que esse antropólogo fez sobre a vida cotidiana de 13 travestis que viviam no centro histórico de Salvador-BA, por um período de quase um ano de convivência com elas que resultou em um livro que aborda o cotidiano dessas travestis, detalhando como agiam e como eram as dificuldades para inserirem na sociedade brasileira.

²Nessa câmera fotográfica a imagem é capturada e gravada em filme.

³Saliência na tireóide localizada no pescoço humano que se desenvolve em maior proporção nos indivíduos do sexo masculino, por possuir uma maior presença de hormônios masculinos, principalmente a testosterona.

algo espontâneo, quando alguém chega e congela o momento e mesmo assim a pessoa sai bem na foto, com a intenção de demonstrar que não estava preparada para ser fotografada. Então, elas olhavam de lado, para baixo, para cima, como se não soubessem que iriam ser clicadas por mim ou pelas outras duas estudantes que me acompanharam neste encontro. De acordo com as duas travestis, o mais interessante desse momento foi ter que posar para o ensaio fotográfico.

A cada *clic* da máquina percebi o quanto a fotografia tinha uma enorme importância para ambas. E todo o entusiasmo de “estar bela e feminina” nas fotos tinha um propósito: colocá-las no álbum do Orkut⁴.

Depois de cumprir com o acordo (entregar as fotos) comecei a frequentar os locais que elas costumavam ir para entender um pouco como se dava a sociabilidade entre as travestis na cidade de João Pessoa. Foi a partir desse momento que decidi elaborar o meu TCC (Trabalho de Conclusão do Curso) sob a perspectiva de compreender as formas de modificação dos corpos, autoimagem, performance e a sociabilidade das travestis na cidade de João Pessoa⁵.

Um dos locais escolhido por mim para dar significado a minha pesquisa foi a boate Vogue – João Pessoa, localizada em João Pessoa, considerado pelo público GLS (Gays Lésbicas e Simpatizantes)⁶ o *point*⁷ de encontro de travestis, transexuais, transgêneros, crossdrags, dragqueens, gogoboy etc. A Vogue era considerada por esse público um local que oferecia entretenimento barato nos finais de semana.

Foram muitas as idas (de maio de 2008 a novembro de 2011) a esta boate com a perspectiva de tentar compreender além da sociabilidade, a *performance* e a importância da tal “beleza feminina” para a identidade travesti. Diante de tantas

⁴No capítulo 1 discuto sobre essa rede social.

⁵Ver: Luxo, riqueza e sedução: uma etnografia sobre a sociabilidade e o uso da fotografia na formação da identidade travesti na cidade de João Pessoa. Monografia apresentada ao curso de Bacharel em Antropologia, da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV, sob a orientação da professora doutora Silvana Souza do Nascimento, em outubro de 2012.

⁶De acordo com o caderno sobre a diversidade do ano de 2012, a sigla GLS foi criada na metade dos anos de 1990 para qualificar o circuito de lazer em relação ao mercado de consumo pelo público homossexual. Deixando assim, a sigla LGBTT (Lésbicas, Gays, Transgênero e Travestis) para quando se trata de assuntos sobre política do movimento Gay. Disponível: http://www.consultapopular.org.br/sites/default/files/l%20Caderno%20de%20Debates%20sobre%20Diversidade%20Sexual_CP_1_.pdf. Acesso em julho de 2016.

⁷A sua tradução do inglês pode significar ponto de vista, mas para as interlocutoras dessa pesquisa era uma gíria que significava um local de encontro.

poses e performances nas fotografias (dentro e fora da boate), pude observar que algumas semelhanças nas imagens reproduzidas, tais como: fazer “biquinho” (juntar o lábio inferior ao superior, uma maneira de mostrar que tem uma boca carnuda); “empinar a bundinha” (inclinando o tronco com as mãos no joelho); “cabelo ao vento” (balançar os cabelos soltos para fazer o efeito do cabelo em movimento na foto); “face Power” (uma foto de close do rosto); “carinha de menina” (pose de uma menina sensível) ou também poses provocantes e até eróticas (com uso de pouca roupa, geralmente com peça íntima de costas exibindo o fio dental da calcinha) eram comuns entre elas quando eu pedia para fotografá-las ou observava seus álbuns fotográficos (fotografias de papel) ou álbum online do Orkut.

A partir desse momento, já em campo, surgiu um fator importante: quando trocávamos contato (eu e as travestis presentes nos eventos), o número do telefone não era tão relevante, mas sim o endereço do Orkut. Desse modo, a pesquisa prosseguiu e passei não apenas a frequentar o “espaço real” Boate Vogue - João Pessoa, mas também o “espaço virtual” Orkut. Eu não criei uma conta específica para aquela pesquisa no Orkut. A conta que eu já tinha era utilizada para uso pessoal e também para pesquisa.

Ser membro do Orkut permitia para mim a possibilidade de visitar vários perfis de travestis que comentavam as fotos e/ou participava de alguma comunidade virtual. Nessa rede social era possível saber quem visitou o perfil, ou seja, havia uma configuração que permitia o/a usuário/a ter o acesso de outros/as usuários/as que visualizaram a sua página. Dessa maneira eu visitava alguns perfis de travestis e logo depois, recebia a visita das mesmas. Era comum ver nesses perfis que elas se autodenominavam como pertencentes ao gênero feminino. Sendo assim, eu enviava uma solicitação de amizade e as encontrava nas festas do centro da cidade de João Pessoa, pois esse meio era uma forma fazer contatos para depois conversar “face a face”.

De fato, sem ter a intenção, eu estava imersa em uma nova forma de fazer pesquisa na Antropologia: a netnografia ou etnografia virtual. Mesmo assim, na época eu considerava como dados da pesquisa apenas as idas que eu fazia à boate e as festividades no centro de João Pessoa. O Orkut, nesse contexto, era apenas uma complementação, “um apêndice” para a minha pesquisa. Em um primeiro

momento, elas se divertiam nesses “espaços reais”, tiravam várias fotos e depois postavam no Orkut, o “espaço virtual”. Os dois espaços -o real e o virtual- possuíam para as travestis uma ligação importante, pois não fazia sentido apenas ir às festas e depois não publicar as suas fotos nas redes sociais. O ato de postar fotos fazia parte da sociabilidade entre elas ao exibir suas “saídas” dos finais de semana. Dessa forma (postando suas imagens), elas buscavam um espaço para ser reconhecido pelos outros. E a partir do que faziam nos seus corpos, elas configuravam uma forma de demarcação identitária e por consequência se relacionavam entre si e com as outras pessoas.

A partir desse momento, quem estivesse (presente ou não nos eventos) manifestava-se através de comentários com críticas e/ou elogios nos murais das páginas do Orkut. Nesse site de relacionamento uma das maneiras de interagir com o outro estava relacionado às fotografias e a partir desse ponto percebi o quanto a imagem representava um elemento fundamental para a construção da identidade travesti. De qualquer modo, essa pesquisa do TCC foi apenas realizada através da etnografia convencional, pois em nenhum momento discuti sobre os conceitos de netnografia ou antropologia virtual.

Por não ter atribuído tanta importância à netnografia na pesquisa da graduação, que eu já praticava sem perceber, procurei elaborar esse trabalho com o intuito de contemplar os conceitos de netnografia, antropologia virtual e a questão da sociabilidade das travestis no ciberespaço. Inicialmente, a pesquisa aqui apresentada, foi realizada a partir apenas da netnografia (pesquisa realizada no Facebook), mas a partir da discussão proposta pela banca de qualificação, percebemos que para compreender melhor os perfis das travestis no Facebook, era importante também aprofundar a pesquisa da sociabilidade delas fora dessa rede social.

Desse modo, foram escolhidos os perfis de quatro travestis do Facebook para compreender como elas dão significado aos seus corpos através das suas performances dentro e fora do ambiente virtual. A ideia de performance utilizada nesse trabalho não se relaciona a de encenação e/ou ficção de uma peça teatral. Mas como uma identidade de gênero que se configura em “trânsito” e por isso não se adequa ao binarismo proposto pela sociedade. Além disso, essa pesquisa

procura explicitar essa performance construída a partir da relação que elas estabelecem com a fotografia no Facebook.

Essa dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo faço uma discussão sobre a etnografia virtual e/ou netnografia, um método de pesquisa com características da antropologia convencional, mas com um diferencial, a sua realização se dá no ciberespaço com o uso da tecnologia (computador, Smartphone, internet). Além disso, descrevo sobre o Orkut como uma rede social que pode ser considerada como precursora do Facebook. Após essa discussão defino o Facebook como um espaço de sociabilidade por interligar inúmeras pessoas no ciberespaço. Desse modo, dialogo com Barnes (1987) para definir o Orkut e o Facebook como redes sociais que interligam indivíduos a outros indivíduos que mantêm algum tipo de relacionamento entre si, a partir do conceito de rede limitada e ilimitada. Para finalizar esse capítulo discuto sobre a fotografia e a relação entre antropologia visual e antropologia virtual com autores tais como Braga (2001), Collier (1973), Hine (2000), Kozinets (2002), Rifiotis (2010), que primeiro entrevistaram sobre esse tema. E sobre a fotografia Roland Barthes (1984), Kossoy (2002), Sontag (2004) e Andrade (2002).

No segundo capítulo proponho fazer uma discussão sobre a identidade travesti e a produção do corpo no Facebook. A partir de alguns teóricos do estudo de gênero como Butler (2001), da temática travesti como Benedetti (2000), Bento (2006), Kulick (2008), e Pelúcio (2005). Desse modo, procuro entender a demarcação que elas reproduzem por estarem inseridas no universo feminino nesse meio virtual. Assim, tento compreender como essas interlocutoras constituem os elementos simbólicos que usam em seus corpos para dar forma e auxiliar na construção de suas identidades virtuais. Apresento a ideia de representação de Erving Goffman (1985), ao utilizar a sua analogia com o teatro para entender como as travestis criam suas personagens que constroem a partir de performances no cotidiano. Além desse autor, destaco a contribuição de autores como Schechner (2012) sobre performance e Merleau Ponty (2006) para discutir o corpo das travestis como linguagem em relação à construção do gênero.

No terceiro capítulo, por fim, apresento os perfis das travestis analisadas nesta pesquisa. Diante de vários perfis que estão disponíveis no Facebook, escolhi

apenas quatro perfis para fazer uma análise das postagens dos seus textos, imagens, comentários, curtidas e compreender, a partir de entrevistas com as travestis, que apesar da condição de gênero em comum, estas constroem identidades travestis distintas, devido aos significados que atribuem ao próprio corpo e ao uso das redes sociais, ao mesmo tempo.

1 Estar lá *online* e estar aqui *offline*: uma netnografia do Facebook

Para Malinowski a entrada no campo era composta por duas distâncias: uma geográfica e outra cultural, como num “rito de passagem” todo antropólogo precisaria passar por ambas as distâncias para aproximar-se de seus “nativos” (GIUMBELLI, 2002). Nesse sentido, a tarefa do antropólogo se iniciaria com a observação de cada detalhe da vida social dos nativos, tentando desvendar os significados e as relações que eles mantêm entre si, método esse denominado “observação participante”.

Quando surgiu a antropologia, as pesquisas eram realizadas em gabinete direcionadas ao estudo dos povos das sociedades não-capitalistas, ditas “primitivas”. Mas isso mudou um pouco no início do século XX quando as pesquisas passaram a ser realizadas também na cidade (sociedade complexa) e o pesquisador começou a tornar estranho o que era até então, familiar. Essa mudança se deu pela influência da Escola de Chicago formada por pesquisadores que se dedicaram especialmente ao estudo da cidade devido ao contingente de imigrantes europeus que deixavam seus países de origem para viver nos Estados Unidos.

Gilberto Velho (1997) foi um dos pesquisadores brasileiros que se dedicou ao estudo da cidade. O mesmo produziu uma etnografia sobre o bairro de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro, local onde ele residia e para conseguir realizar essa pesquisa precisou estranhar o que era para ele familiar e cotidiano. Esse autor percebeu que mesmo dentro das grandes cidades o pesquisador poderia ter a “experiência de estranheza, não reconhecimento ou até choque cultural comparável a de viagens a sociedade e regiões exóticas” (VELHO, 1997, p.40).

É desse modo que eu percebo o meu campo de pesquisa como familiar e ao mesmo tempo estranho, pois tenho uma conta no Facebook⁸ e o acesso a outras redes sociais, mas nem por isso tenho como compreender toda a lógica das relações existentes dentro e fora dessa rede social, por mais que esse campo seja tão próximo a mim.

⁸No próximo tópico 1.1 *Conectando-se ao Facebook*, defino essa rede social e assim serão expostos os detalhes sobre a minha entrada nesse campo considerado como “virtual”.

No título desse capítulo utilizo os termos “estar lá” *online* e o “estar aqui” *offline* não como uma maneira de comprovar a minha presença e legitimar que tudo aquilo que vi existe de fato (GEERTZ: 2005). Nem tão pouco com o intuito de reproduzir a noção de autoridade etnográfica tão criticada por James Clifford (1998), mas por entender que “o estar lá” reproduz certa autonomia para o pesquisador. Quando no título eu afirmo que estou *online* é porque o meu *status* na rede está verde e isso implica que estou disponível para interação, quando estou *offline* entende-se que não estou disponível, pois o meu *status* encontra-se cinza e implica que estou desconectada dessa rede social. Concordando com Rifiotis (2010), essa dupla *online* e *offline* são terminologias que não podem ser vistas como opostas, mas como duas dimensões que existem uma em função da outra.

Nesse contexto, a minha entrada no ciberespaço é percebida pelas minhas interlocutoras quando estou conectada (*status* verde), diferentemente da etnografia convencional onde eu sou percebida pela minha presença “física”. A ideia de “não ser percebida” quando entro no campo, não implica que eu divorcie o *status online* do *status offline*, pois entendo que o ciberespaço faz parte de uma extensão do mundo físico e não está separado deste.

Kozinets (1998) foi pioneiro em adotar o termo netnografia sobre a pesquisa que ocorre a partir da interação on-line entre pesquisador e o grupo pesquisado. Para ele e outros autores como Novelli (2010) e Rifiotis (2010), esse método possui as mesmas características de uma etnografia convencional, mas em um espaço que é formado pelas relações estabelecidas na internet.

Netnography, or ethnography on the internet, is a new qualitative research methodology that adapts ethnographic research techniques to the study of cultures and communities emerging through computer-mediated communications (KOZINETTS, 2002, p.2)⁹.

Para Kozinets (2002) o pesquisador precisa ter conhecimento de algumas etapas para realizar e avaliar a netnografia, tais como: planejar o projeto e a entrada do pesquisador no campo de pesquisa; coletar e analisar os dados; lidar com considerações éticas e por fim refletir como tal pesquisa pode/será avaliada pelos próprios pesquisados, uma maneira de equilibrar as relações de poder entre

⁹Tradução : Netnografia, ou etnografia virtual é um novo método de pesquisa qualitativo que adapta as técnicas de pesquisa etnográfica ao estudo de culturas e comunidades que emergem através das comunicações mediadas por computadores.

pesquisador e pesquisado (NOVELLI, 2010). Desse mesmo modo, ele alinha-se ao pensamento de que o etnógrafo deve fazer sua pesquisa e depois dar um retorno as pessoas da comunidade estudada. Nesse caso, mostrar o resultado da pesquisa, lembrando-se que as informações coletadas e depois expostas em textos são de pessoas que merecem um retorno sobre o que foi exposto sobre suas vidas. Desse modo, “o que um etnógrafo propriamente dito deve fazer, propriamente, é ir a lugares, voltar de lá com informações sobre como as pessoas vivem e tornar essas informações disponíveis à comunidade especializada” (GEERTZ, 1988, p.13).

Enquanto Kozinets chamou de netnografia a esse método, Christine Hine (1998) chamou-o de antropologia virtual. Para ambos, não há tanta diferença em relação a etnografia convencional, há apenas uma complementação do uso dos meios tecnológicos para execução no ciberespaço. Segundo Hine (1998) a etnografia virtual adaptou as metodologias das ciências sociais aos desafios da internet. Além disso, essa autora compreende que a etnografia virtual não é um novo método, nem tão pouco pretende substituir a etnografia convencional. Para ela, a antropologia virtual é o resultado dos aspectos relativos ao aparato tecnológico.

Para Novelli (2010) a pesquisa *online* é reprodutora de uma flexibilidade temporal e espacial, além de possibilitar a entrada do pesquisador no campo sem muito esforço, pois costuma ser realizada em qualquer lugar no qual o pesquisador esteja munido de um computador com acesso à internet. Além disso, para esse autor há ainda outras vantagens como o fato do pesquisador não perder tempo e ter menos custo para a realização da pesquisa. Mas, diante destas afirmações deve-se lembrar que para se ter acesso a internet é preciso pagar uma taxa, ou senão recorrer a uma rede Wi-fi¹⁰ disponível para se conectar. Desse modo, pode de fato se tornar cômoda para o pesquisador a questão da distância, mas não necessariamente a questão do tempo de pesquisa e de custo.

Por ser realizada no ciberespaço, essa pesquisa também deve ter o direito ao auxílio para custear as idas ao campo. Pois, caso contrário, desconsideraria-se nesse caso, que há necessidade de se fazer manutenção no computador e/ou smartphone, como formatação, atualização de programas, etc. e pagamento da taxa para ter acesso à internet do celular móvel ou computador. Além disso, há pesquisas que ocorrem em sites de relacionamentos, nos quais para se fazer parte do círculo

¹⁰Local de acesso à internet sem fio. Há vários locais públicos como aeroportos, praças, restaurantes, universidades, shoppings e etc. que disponibilizam redes Wi-fi grátis.

de amizade dos pesquisados, é necessário o pagamento de uma taxa mensal, por exemplo, o Twoo, Badoo, Brasil Cupido entre outros¹¹.

Novelli destaca algumas desvantagens que podem ocorrer no ciberespaço:

Excesso de informações; não ter como observar as expressões corporais; dados textuais sem ter possibilidade de interpretar os sentidos intersubjetivos; falta de autenticidade dos dados obtidos e falsa noção de neutralidade (NOVELLI, 2010, p.123).

Diante dessas questões apontadas pelo autor, é provável que estas possam ocorrer também fora do ciberespaço. Se o pesquisador não mapear seu campo terá também um excesso de informação, sendo necessário ter um olhar “treinado” e estar munido das teorias que estudou para que possa construir um bom problema teórico

A ausência de autenticidade e falsa noção de neutralidade correspondem às críticas que Gilberto Velho (1997) faz sobre a discussão entre a neutralidade e a imparcialidade nas ciências sociais sob uma perspectiva positivista.

São inúmeras as críticas sobre a entrada no campo virtual, dentre estas, destaco Novelli (2010) por afirmar que a pesquisa em rede provoca uma sensação de falsa “autenticidade” para a pesquisa. Contrariamente ao que afirma Pierre Lévi:

O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual (...). O virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVI, 1996, p.16).

Essa nova forma de “fazer etnografia” pode ser considerada como um resultado da sociedade contemporânea, que produz diferentes espaços e situações que são enfrentadas pelos indivíduos que se interconectam. Nesses termos, a globalização passou a ser responsável por “obrigar” as pessoas a experimentarem os novos hábitos e/ou comportamentos (sob a influência da mídia e/ou internet) que ocorrem na atualidade (NOVELLI, 2010).

Uma das questões mais recorrentes no ambiente virtual refere-se à forma como o pesquisador “participa e/ou observa” do campo de pesquisa. Posso afirmar que a minha entrada no campo virtual se deu por meio dessas duas maneiras. Pois

¹¹São sites que buscam promover encontros entre seus usuários tendo como objetivo principal a paquera. No perfil do usuário desses sites há várias informações sobre as características de cada participante, tais como: local de residência; idade, gênero (feminino e/ou masculino); orientação sexual (heterossexual e/ou homossexual); raça; profissão; estatura física; peso; cor dos olhos, dos cabelos; parte do corpo atraente, etc. De certo modo, os/as membros/as desses sites ficam expostos como os produtos nas gôndulas dos supermercados à espera de serem contatados.

nem sempre as interlocutoras estavam conectadas para responder alguma pergunta ou pelo menos um simples cumprimento pelo Messenger do Facebook¹².

Nem sempre a minha entrada no campo era percebida pelas interlocutoras dessa pesquisa, em alguns momentos quando as encontrava fora do ciberespaço, fui cobrada por não ter curtido e/ou comentado uma publicação. “*você viu a minha publicação, (rsrs) teve muito comentário. Vai lá e curte.* (Conversa com yasmin numa Boate na cidade de João Pessoa em dezembro de 2015). O ato de apenas ver e não demonstrar alguma manifestação (curtir e/ou comentar) é como se a pessoa estivesse ausente e por consequência não percebesse a postagem. É dessa maneira, que eu como pesquisadora percebia que a minha entrada, de maneira silenciosa, parecia não estar presente.

Dessa forma, Fragoso (2011) e Braga (2006) afirmam que participar e observar refere-se a duas maneiras do pesquisador entrar no campo: a silenciosa (*lurker*) e a participativa (*insider*). Esta primeira “observa determinado grupo social, objetivando interferir o mínimo possível em suas práticas cotidianas”, pois “não se manifesta” apenas se dedica a observar o comportamento dos outros (POLIVANOV, 2013, p.64). Enquanto a segunda interage com o grupo social de uma forma que além de observar também participa. De acordo com os dois, o *lurker* é considerado antiético por não deixar que os participantes percebam a presença do pesquisador, já o *insider* assemelha-se à etnografia convencional, pois o mesmo está presente (o grupo sente a presença do pesquisador) e participa. É óbvio que a relação não se dá da mesma maneira, face a face, mas ele não passa despercebido.

Do meu ponto de vista, não é sempre que o pesquisador nas redes sociais consegue observar e participar quando está no campo, pois nem sempre os/ as interlocutores (as) estarão disponíveis para interagir. Ambos *insider* e *lurker* possuem sentidos diferentes, mas de qualquer modo se complementam. O fato de estar no ciberespaço de modo *offline* significava que eu teria a intenção de não ser percebida pelas pesquisadas, nem tão pouco significava que eu estava em busca de uma neutralidade. Mas há momentos em que o pesquisador aguça os sentidos para capturar algo que chama a sua atenção e que ainda não foi percebido para sua pesquisa. Dessa forma, essa pesquisa foi realizada através da junção das duas

¹²É um aplicativo que permite enviar mensagens instantâneas para os amigos do Facebook.

maneiras *lurker-insider*, tanto dentro quanto fora do ciberespaço, uma vez que muita dessas minhas entradas no campo era para escolher algumas imagens, comentários, visitar outros perfis e etc.

Para gravar a página como imagem eu pressionava a tecla PrtSc/SysRq e depois enviava para o programa do *Microsoft Paint*. Caso fosse necessário fazer algumas alterações como recortar, pintar, apagar e desconfigurar as imagens dos perfis de outras pessoas que não faziam parte dessa pesquisa. Para ter acesso às postagens do Facebook eu copiava e depois colava algumas publicações no *Microsoft Word* que servia como um diário online que me permitia o meu acesso aos dados dessa pesquisa sem precisar entrar no Facebook das interlocutoras. Nesse arquivo organizei as fotografias e as conversas numa pasta juntamente com o áudio de algumas entrevistas realizadas face a face ou pelo Whatsapp¹³.

Para Rifiotis (2010) as pesquisas realizadas no contexto das sociedades urbano-industriais contribuíram para entender também as formas sociais produzidas no ciberespaço. Segundo esse autor, as dúvidas que surgiram no início das pesquisas no ciberespaço podem ser comparadas com as mesmas desafiadas pela antropologia urbana nas décadas de 1970-1980. Dentre estas, se referia ao campo de pesquisa que resultava pesquisador-nativo e/ou nativo-pesquisador.

Desse mesmo modo, John Barnes (1987) ao desenvolver o conceito de redes sociais, também contribuiu para compreensão dos estudos no ambiente virtual. Para Barnes no meio social que cada pessoa está inserida há muitas outras desconhecidas com as quais ora podem ter alguma interação social, ora não possuirão nenhuma interação significativa (BARNES, 1987, p.187). Ou seja, do mesmo modo como ocorre no Facebook, pois, nem todos os amigos dos amigos se conhecem, mas podem compartilhar alguns momentos as mesmas coisas sem perceber, ou até mesmo participam de grupos, eventos ou são amigos comuns de outros perfis sem ao menos se conhecerem. Tendo em vista dois indivíduos quaisquer, existem duas possibilidades lógicas: ou eles podem “impingir” (aceitar como amigo) ou não (BARNES, 1987, p.164). Para esse autor, a partir do momento

¹³ É um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto.

em que dois indivíduos se impingem um ao outro se forma uma rede de interações sociais.

Essas metodologias utilizadas para estudar as sociedades complexas de algum modo serviram como modelo para a realização das pesquisas virtuais. Em ambos os espaços (cidade e virtual), as pesquisas contribuem para a reprodução de críticas em relação à questão da aproximação do pesquisador ao seu objeto de pesquisa. Para Velho, o fato de relativizarmos as noções de distância e objetividade:

De um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar sem paranóias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros (VELHO, 1997, p.129).

Essa maneira de pesquisar (o familiar) pôde orientar o pesquisador a desenvolver outro método de pesquisa que se tornava familiar também para o mesmo. Assim, a netnografia passou a ser um método de pesquisa que dá conta de uma sociedade cujas relações sociais se dão em um contexto virtual (tempo e espaços virtuais). Esta pesquisa utilizará a netnografia sem deixar de lado a etnografia fora das redes sociais, o Facebook.

1.1 Conectando-se ao Facebook



Fig.1: Página inicial do Facebook – Disponível em: <https://www.facebook.com/?stype=lo&jlou=AfcP-TI> – Acesso em maio de 2015.

O Facebook é uma rede social fundada em 2004 por Mark Zuckerberg enquanto era um estudante da Universidade de Harvard. Trata-se de uma conexão com a internet e com outros indivíduos que podem estar em várias partes do mundo criando grupos que compartilham os mesmos gostos e interesses de maneira prática e rápida. Assim como Barnes (1987) conceituou o termo rede social, podemos também aplicar este conceito para definir o Facebook por este ser “um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos” (BARNES, 1987, p.167). Ou seja, uma rede de relações que possui “uma pluralidade de atores, muitos dos quais mantêm algum tipo de relacionamento entre si”, (idem, p.164). Para esse autor, a rede pode ser constituída de duas formas: a limitada e a ilimitada.

No início, o Facebook era restrito, uma espécie de “rede limitada”. Esta rede controlava a quantidade de pessoas que podiam participar das relações sociais abertas, apenas para os estudantes da universidade de Harvard. Mas, após alguns

anos, essa rede passou a ser ilimitada e a fazer parte do cotidiano de inúmeras pessoas de vários países (MARA e ROSA; SANTOS, 2013). Em janeiro de 2015 a empresa anunciou que possuía¹⁴, 4 bilhões de usuários¹⁴ conectados ao redor do mundo.

Para obter uma conta no Facebook é preciso ter um email, preencher um formulário que identifica e localiza os indivíduos para facilitar a socialização entre os membros (AUGÉ, 1994). Para ser aceito por outra pessoa não é preciso conhecê-la (face a face), basta enviar o convite de solicitação de amizade e aguardar a resposta. Caso seja aceito, o usuário passa a ter acesso ao/a (s) amigo/a (s), as fotos, aos vídeos daqueles/as que se tornou “amigo/a”.

Essa rede social permite a interação entre seus membros por meio de fotografias, vídeos, mensagens, links e curtidas. Podemos considerar que o mesmo passou a ser o substituto do obsoleto Orkut¹⁵. Tendo vista que a maioria das pessoas que tinham uma conta no Orkut passou lentamente a utilizar o Facebook.

O Orkut estabelecia uma pluralidade de relações sociais através de interações que se davam de maneira recíproca e em múltiplos sentidos, a partir de regras impostas aos membros/as. A rede pode ser comparada com uma peça de roupa que saiu de moda e foi substituída por outra mais ousada, atraente e moderna. Do mesmo modo que no Facebook, nessa rede social era possível também publicar fotografias, comentários e vídeos que ficavam à disposição do círculo de amizade do/a usuário/a. Era necessário também ter um e-mail para acessar uma conta no Orkut.

O perfil do usuário/a do Facebook e a linha do tempo podem ser considerados como sinônimos composto por frases ou textos grandes, fotografias, vídeos, histórias e experiências que identificam o modo de ser de cada participante. Na linha do tempo o/a usuário/a pode controlar suas configurações e estabelecer quem pode ver suas publicações: amigos, amigos de amigos, público em geral ou apenas somente a própria pessoa. Isso faz parte de uma política de privacidade que limita a exposição do usuário/a. Do mesmo modo, pode exibir ou esconder os detalhes

¹⁴Ver: <http://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2015/01/29/facebook-tem-14-bilhao-de-usuarios-no-mundo-e-supera-receitas> - Acesso em julho de 2015.

¹⁵Uma rede social filiada também ao Google que surgiu em 2004 e durou até setembro de 2014. Pode-se considerar que a mesma não obteve êxito em relação ao crescimento do Facebook.

sobre a sua vida: profissão, instituição que estuda e/ou estudou, relacionamento, lugar onde mora/ de origem e data de nascimento etc.

Há alguns termos utilizados no Facebook que correspondem a determinadas ações, por exemplo: curtir é uma das formas mais rápidas e instantâneas de dizer que “gostou” de algo que foi postado. Isso pode ser em uma fotografia, vídeo ou num comentário; Há também outras formas de reação, como quando se clica em curtir que pode ter o sentido de que “gostou”; amou ou ficou triste com tal publicação. Antes a intenção era apenas de demonstrar que “gostou”, mas não especificava e parecia que esse gostou também serviria para gostar de publicações consideradas “ruins, de mau gosto, ofensivas” segundo os/as usuários/as. Nesse caso, para demonstrar que reprovou tal atitude era necessário comentar. Outra maneira de chamar atenção “dizer apenas um oi” é “cutucar”, mas pode ter também o sentido para alguns usuários de “estar a fim de ficar com aquela pessoa”, ainda há quem entenda que possa ser algo relacionado à relação sexual. Compartilhar ocorre quando um/a membro/a vê algo que gostou na sua linha do tempo e quer que seus/as amigo/a (s) tenham também conhecimento; e postar significa pôr algo na sua linha do tempo (fotos, mensagens, vídeos) para que o/a (s) outro/a (s) possam comentar curtir ou compartilhar.

Na linha do tempo de cada usuário/a se exhibe a quantidade de amigos que possuem, imagens postadas, compartilhadas ou marcadas, vídeos, locais visitados, filmes e programas de TV, livros, aplicativos e jogos, curtidas e grupos dos quais participa. Mas caso o/a usuário/a não queira se expor, pode bloquear esse acesso na ferramenta configurações que está localizada na parte superior da página inicial de cada usuário/a.

Diferentemente do conceito de não lugares de Augé (1994) essa rede social não é apenas um espaço de trânsitos impessoais e anônimos característicos que possuem um planejamento e que sua programação transmite uma sensação do “acaso”, onde coisas novas podem acontecer. Mas sim, como afirma Nóbrega (2010), o Facebook é um espaço responsável pela construção da relação entre indivíduos que se identificam e se unem sob a perspectiva de pertencimento, que trazem em si a segurança de ter amigos/as que pensam da mesma forma e assim reforçam o modelo característico de grupo. Para essa autora, essa rede social

promove a construção de identidades no ciberespaço. Mesmo que estas relações sejam virtuais, não há dúvidas de que sejam responsáveis por definirem a identidade.

Para alguns o Facebook ainda é pouco conhecido enquanto para outras pessoas o mesmo é citado como uma extensão do cotidiano. Sendo assim, os usuários criam um tempo/espaço que pode ser informal ou formal. Além de servir para entretenimento também pode ser utilizada para fins comerciais como lojas virtuais, anúncios publicitários além de ser um canal de acesso para algumas empresas. A maioria das instituições escolares utiliza o Facebook como uma maneira de aproximar os pais e os alunos da escola. Outras instituições tais como as igrejas, também fazem esse tipo de conexão entre os seus dirigentes e os fiéis, informando a programação dos cultos e eventos. Para os artistas famosos essa rede passa a ser um espaço de publicidade e também de aproximação com os seguidores.

Desse modo, as redes sociais criam uma maneira de convívio e sociabilidade que ganha grande importância no dia a dia dos/as seus/suas membros/as. As redes também expressam as características da personalidade dos usuários (as) ou até mesmo aquilo que desejariam possuir ou ser, pois compartilham as suas necessidades e interesses transformando esse meio virtual num espaço de vivência e de troca, que caracteriza uma nova forma de cultura: a cibercultura.

Pois “através da interação entre grupos, redes e indivíduos, se definem e redefinem simbolicamente certas diferenças socioculturais” (FRUGÓLI, 2007, p.25). No mundo contemporâneo são produzidos vários espaços que se interpenetram e pelos quais as pessoas circulam no mundo e assim constroem suas sociabilidades. Esse ambiente simula uma realidade sem a plena consciência da diferença entre estar dentro ou estar fora dele. Nesse espaço as imagens têm semelhança com o “mundo real” de que são apenas reproduções que proporcionam novas formas de convívio e sociabilidade.

Nota-se que quando o diálogo nessa rede social é realizado por meio do texto, o/a usuário/a para facilitar a comunicação reduz as palavras entre seus

membros. Por exemplo: a palavra “porque” passa a ser “pq”; você = vc; não =n; para=p; também= tb; é=eh; sorriso=rs etc.¹⁶

Cada pessoa escolhe o grupo que deseja participar no Facebook, é perceptível que os membros que fazem parte do circuito GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) compartilham pensamentos, entretenimento e grupos que se tornam comuns a todos os integrantes. E em muitos desses grupos é fácil encontrar pessoas que se identificam como travestis compartilhando informações sobre violência, oportunidade de empregos, dicas de beleza e direitos e deveres sobre a comunidade LGBTT. Na cidade de João Pessoa “fora do mundo virtual”, observa-se que algumas travestis se divertem em festas na orla marítima, no centro histórico da capital aberto ao público em determinadas datas em que acontecem variados shows de artistas, em festas de folia de rua (desfilando em escolas de samba ou nas tribos indígenas do carnaval tradição) ou em boates que são direcionadas ao público GLS. Nesses locais elas são encontradas juntas com seus/suas colegas conversando ou abraçadas com namorados. E mesmo assim não se intimidam com os olhares de reprovação ou aprovação. Há outras travestis que dividem as calçadas na Orla de Manaíra com outras prostitutas em busca de clientes.

O fato de algumas pessoas permitirem a presença dessas travestis nos shows “voltados para o público heterossexual” ocorre porque nem todos os momentos elas são excluídas, por mais que aconteçam olhares de reprovação, aos poucos buscam divertimento em locais que não são considerados GLS.

Sabe-se que uma grande parte do público nestas festas se autoidentifica como heterossexuais¹⁷.As pessoas consideradas travestis que participam desses eventos encontram-se numa condição de minoria e em alguns casos podem ser confundidas com as outras mulheres, como afirmam as interlocutoras dessa pesquisa e algumas de suas amigas também.

¹⁶Em algumas passagens deste trabalho há conversas com as interlocutoras realizadas pelo Messenger do Facebook e por isso as palavras estão incompletas, pois copiei e coleí para o diário online e depois transferi para essa pesquisa.

¹⁷Refiro-me a maioria das pessoas que vão a esses shows e se autoidentificam heterossexuais e também as músicas das bandas contratadas que colaboram com a idéia de uma sociedade heteronormativa.

Conforme Goffman (1980) há lugares em que as pessoas por serem estigmatizadas evitam frequentar. Desse modo, muitas travestis não se restringem apenas a frequentar as boates/lugares GLS. Aos poucos se percebe que é possível também encontrá-las em shows fora desses ambientes, por exemplo, em bares da orla marítima.

É interessante ressaltar que no carnaval as travestis aproveitam a festa principalmente nas virgens de Tambaú¹⁸. De maneira estereotipada algumas pessoas se travestem do gênero oposto. Isso ocorre com muitas risadas e brincadeiras para quem está olhando ou quem está participando. Muitas drag queens, travestis e top drags aproveitam esse momento para exhibir suas fantasias, pois entre elas há uma grande importância no fato de se apresentarem ao público caminhando atrás dos trios elétricos. Recebem muitos elogios, risadas, xingamentos e críticas. Mesmo assim, vi na linha do tempo (fevereiro de 2016) de algumas interlocutoras o convite para participar de festas em boates após o bloco carnavalesco. Muitas marcaram presença para terminar a noite ao som de DJs numa boate GLS próximo ao centro da cidade de João Pessoa.

Segundo Goffman as pessoas que possuem algum tipo de estigma em lugares onde se encontram outras pessoas que estão numa situação similar “podem expor e perceber que não precisam esconder seu estigma e nem se preocupar com tentativas feitas cooperativamente para não prestar atenção a ele” (GOFFMAN, 1980, p.93). Ou seja, as travestis são aceitas com maior facilidade pelo público que frequenta os ambientes descritos. No caso do Facebook pode-se excluir ou bloquear uma pessoa e assim não segui-la ou não ver as suas publicações e não dar permissão de ser vista também. As interlocutoras dessa pesquisa interagem em ambientes tanto no virtual, quanto fora dele com pessoas que não pertencem ao circuito GLS.

Desse modo, elas buscam a liberdade de se exibirem para serem percebidas, aceitas ou não, mesmo que em alguns casos recebam comentários provocativos, no sentido de “lembrá-las” de que não são mulheres e que apenas estão “representando uma mulher” conforme entende a sociedade em que estão inseridas.

¹⁸Um bloco de carnaval de folia de rua que aglomera diversas pessoas e diante desse evento “troca-se” os papéis entre homens e mulheres.

Mas em alguns casos são comentários que podem surgir de suas colegas, e que são interpretadas por elas como sendo inveja ou apenas uma brincadeira. Pode também surgir comentários de membros/as que não fazem parte do seu grupo de amigos/as do Facebook. Mas, que tem acesso a sua linha do tempo. Porque, nem sempre as pessoas que são usuárias do Facebook, bloqueiam o acesso dos/das usuários/as que não fazem parte do seu círculo virtual de amizade.

A junção entre a parte estática do Facebook (os perfis de seus membros) e sua parte dinâmica (postagens de comentários) corresponde à cibercultura, por que:

Não consiste numa direção ou dominação do contexto sócio-cultural pela tecnologia. Ela se constrói na emergência das ações, reações, sociabilidades, hegemonias, movimentos que derivam das marcas que a tecnologia deixa na sociedade contemporânea (GUTIERREZ, 2004, p.01).

Alguns membros do Facebook costumam postar uma imagem com um pequeno texto (uma frase, parte de uma música, poema, sentimento) para que outros membros possam “ver, curtir e/ou comentar”. Hoje é possível acessar as redes sociais a partir dos Smartphones e isso faz com que cada vez mais pessoas passem a ter uma conta e assim participar dessa rede social.

Nem sempre as palavras são responsáveis por chamar atenção dos outros, pois os vídeos e imagens na maioria das vezes são mais eficazes enquanto signos que comunicam do que as palavras. Em muitos casos, a postagem de textos extensos não é lida por completo e mesmo assim podem ser curtidos, comentadas ou até compartilhadas por outros/as usuários/as.

“Dar ou receber” um elogio no Facebook é um ato a partir do qual todos os membros podem saber quem se manifestou de forma positiva ou negativa. Fora dele, as pessoas cumprimentam e olham as outras sob a condição de aprovar ou reprovar tal atitude. Ou seja, a maneira pela qual as pessoas interagem com as outras no Facebook e fora dele é variada.

Nesse meio virtual pesquisado, há uma maior “liberdade” para se fazer um comentário. No caso de alguém postar uma foto na própria página inicial ou de outro/a membro/a, espera-se que outras pessoas façam comentários ou apenas curtam. Mas, caso essa pessoa (que está fora do Facebook) esteja caminhando na rua, pode até ser elogiada ou criticada, mas não da mesma forma como se estivesse

na fotografia postada na página da rede social. São os olhares e gestos que irão expressar se as pessoas “gostam ou não” do que está sendo visto. Diferente de como acontece no Facebook, onde são postados comentários do tipo: Linda! Bela! Adorei seu cabelo! Você é top! (exemplos dos comentários mais comuns nas fotos das travestis que tenho pesquisado).

Uma das maneiras que o Facebook e também outras redes sociais fazem para facilitar a comunicação é por meio de imagens que expressam algum tipo de atitude, ação, sentimento ou emoção. Se não tem palavras para descrever uma determinada postagem ou conversa pelo *chat* basta inserir uma imagem que pode ser representada por um emotion, símbolos, ou objetos. Tais imagens como os *emotions* possuem um significado que se relaciona ao estado emocional que o/a usuário/a quer demonstrar, tais como: tristeza, alegria, otimismo, choro, surpresa entre outros. Já os objetos são representados por xícaras de café, chopp, caixa com presente etc. Pois mesmo fora da rede social, quando o indivíduo não fala com outra pessoa, muitas vezes seu olhar ou gestos auxiliam na compreensão de determinada ação.

Na figura 2 há alguns exemplos de símbolos utilizados pelos/as usuários/as no Facebook como uma forma de comunicação sem necessariamente utilizar as palavras.

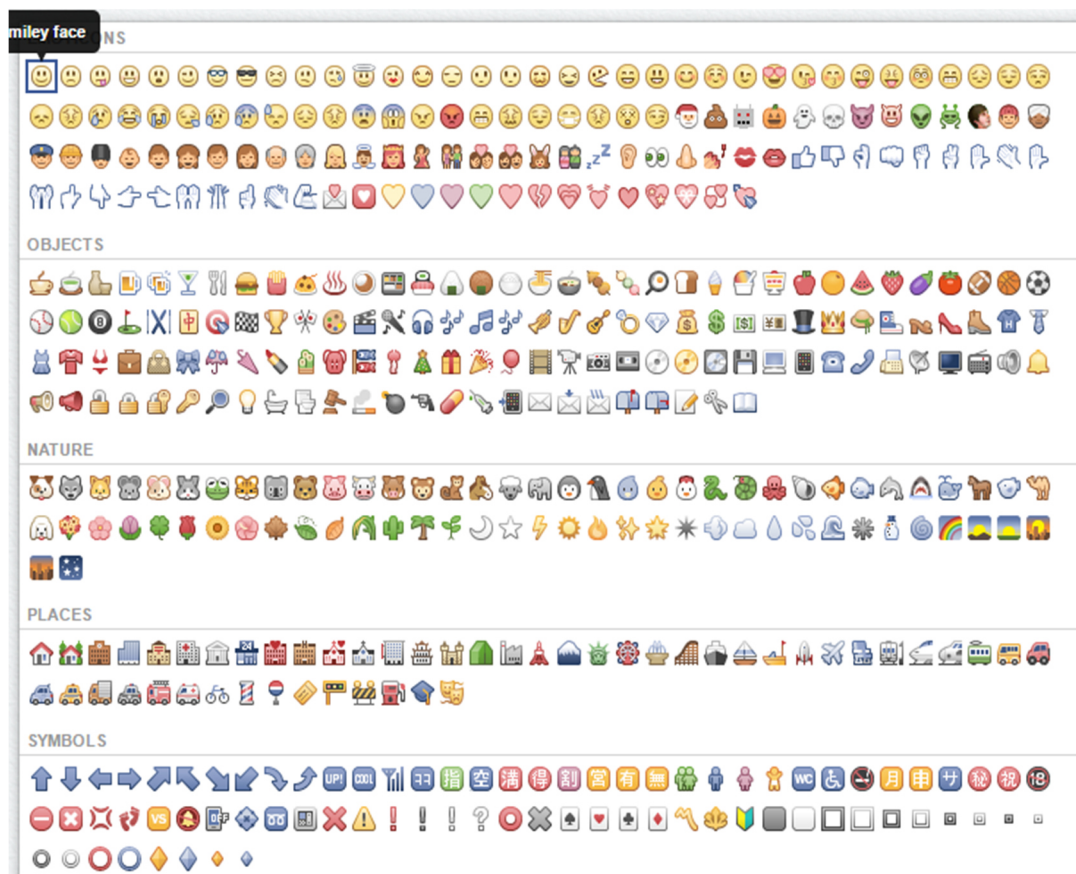


Fig.2: Quadro de emotions – Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=likes+do+facebook+emoticons+imagens> –Acesso em julho de 2016.

Segundo Barthes (1964) o signo é a junção de um significante e de um significado (BARTHES, 1964, p.42), respectivamente, o primeiro corresponde ao conceito e o segundo a uma representação gráfica do conceito. Nesse caso, os emotions podem ser considerados como símbolos e elementos que comunicam informações e substituem as palavras e assim, tornam-se úteis na comunicação. Os mesmos têm o privilégio de passar informações por substituir palavras e assim auxiliar os/as membros/as na interação com o meio em que estão inseridos. Dessa forma, os emotions são os significantes que além de contribuir com a interação, impõem o fazer, o pensar e o perceber.

Ao demonstrar que gostou ou não de alguma ação no Facebook, o usuário/a é quase sempre percebido por outro/as usuários/as. A partir do botão “curtir” (fig.3) dessa rede social o/a usuário/a pode demonstrar suas emoções em relação a determinados temas tais como: amei (quando o usuário gosta muito, ou seja, indica uma curtida com maior intensidade), haha (quando se acha algo muito engraçado),

uau (algo surpreendente), grrr (descontentamento, raiva do que foi postado) e triste (sentimento de tristeza). É possível atualizar estas reações quando o/a usuário/a publica um post de forma separada indicando quem reagiu de tal ou qual maneira.

Percebe-se, assim, que o Facebook oferece novas possibilidades de comunicação e sociabilidade que passam a fazer parte do universo e cotidiano de usuários/as que utilizam a rede social para construir identidade e definir seu perfil a partir da manipulação de símbolos e de postagens de imagens e vídeos.



Fig.3 – Botão curtir e seus novos “like” - Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=botao+curtir+do+facebook+keseusnovoslike> – Acesso em junho de 2016.

1.2 Depois de dar uma “olhada” é só curtir e comentar: o “parecer ser” através da fotografia

Quando a antropologia emergiu como ciência foi notável o uso da fotografia no trabalho de Malinowski, mas ainda com toda a ênfase ao texto escrito. As imagens não passavam de meros complementos que contribuíam como prova de que ele “esteve - lá”, entre os nativos. Nesse contexto, o positivismo apoiava-se na ideia de que o texto representava a realidade, e legitimava o pensamento científico enquanto a imagem (fotografias, neste caso) estaria relacionada à arte e à subjetividade. Dessa maneira não se compreendia que tanto o texto quanto a imagem eram e ainda “são polissêmicos e complementares, sendo cada um mais adequado a determinadas utilizações” (MOREIRA LEITE, 1998, p.43).

A antropologia visual é tão envolvida com palavras quanto imagens, visto que as palavras são inseparáveis das transações sociais da vida cotidiana.

O que a antropologia visual nos permite é a observação de como as palavras se encaixam nesses eventos, bem como das posturas, gestos, tons de voz, expressões faciais e silêncios que os acompanham (MACDOUGALL, 2005, p.25).

É perceptível que “fazer campo” no ambiente virtual, em especial no “Facebook”, torna necessário mediar esta abordagem com a antropologia visual. Nessa rede social é numerosa a quantidade de conteúdo imagético devido a facilidade de se criar imagens a partir do aparelho celular, de maneira prática e fácil poder publicá-las no mesmo instante, em tempo real.

Trabalhos como os de Margaret Mead e de Gregory Bateson em *Balinese Character: A Photographic Analysis*, publicado em 1942, também utilizaram a imagem estática e em movimento com “a crença na objetividade do registro fotográfico e fílmico como suporte para preservação de registros das expressões visuais de padrões culturais que estariam fadados à extinção” (BARBOSA e CUNHA, 2006, p.30). Além dessa intenção de “conservar” a cultura em registros fotográficos e fílmicos, ambos acreditavam que a fotografia ajudaria na forma de compreender melhor o texto escrito. Nesse contexto, a antropologia visual a partir das fotografias,

Pode contribuir para a identificação e o reconhecimento de sentimentos, emoções, sensações, e, como afirma Geertz, dentro de um contexto próprio para que esses gestos sejam melhor interpretados. A integração das linguagens visual e escrita pode favorecer o melhor entendimento dos significados culturais, tornando as investigações e as pesquisas mais completas (ANDRADE, 2002, p.73).

Nessa mesma linha, Mead e Bateson foram os responsáveis por desenvolver análises profundas de interpretação do comportamento humano para o entendimento da cultura.

Ao “olhar” a imagem de uma fotografia tem-se a percepção de estar presente diante uma cópia quase perfeita do mesmo “original”. Pois, é a aparência da realidade que primeiro ilude e encanta o espectador. Em termos conceituais a imagem corresponde a:

Um objeto material, que se assemelha a outro objeto que é utilizado como meio de uma prática simbólica e que mantém com o objeto com o qual se assemelha uma relação de referência e de contiguidade (causa-efeito) e características específicas de reprodutibilidade técnica (RIBEIRO, 2004, p.23).

Contudo, a imagem da fotografia é apenas uma representação, um signo, e não o objeto apresentado. “Ela é sempre uma representação a partir do real intermediado pelo fotógrafo que a produz segundo sua forma particular de compreensão daquele real, seu repertório, sua ideologia” (KOSSOY, 2002, p.52). É dessa maneira, que algumas pessoas (e também as interlocutoras dessa pesquisa) por meio da fotografia procuram ser a cópia quase “perfeita” daquilo que desejam parecer/ser. Nesse contexto, muitas pessoas procuram estar nas fotografias semelhante às “divas” que admiram. Ou seja, “o fazer biquinho” (expressão para dar ideia que tem “a boca sensual” da atriz estadunidense Angelina Jolie), “mãos no joelho e empinar a bundinha” (passo de uma dança sensual baiana ou Funk carioca), “cabelos ao vento” (efeito utilizado por algumas cantoras famosas, por exemplo, Beyonce, Lady Gaga, Britney Spears entre outras para dar movimento aos cabelos no palco ou para posar em fotos) e as poses “sensuais” características das “mulheres” desejadas pelo público masculino conforme compreende a sociedade. Para Collier há um sentido nessa busca da semelhança a partir da fotografia, pelo fato da máquina fotográfica produzir uma realidade do que foi capturado e não poder mentir (COLLIER, 1973).

Além de ser o registro da realidade a arte fotográfica também é um documento que serve como um arquivo com dados que podem rememorar um evento do passado.

A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um certo momento e situação, de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado (...) Certas imagens carregam em si um forte conteúdo simbólico (...) Quando nos vemos nos velhos retratos dos álbuns, temos a constatação concreta de que o tempo passou; a fotografia é este espelho diabólico que nos acena do passado (KOSSOY, 2002, p.136-137).

Para Kossoy (2002) a fotografia se refere sempre ao passado, mesmo as fotografias retiradas há um tempo muito próximo, como de uma foto tirada em um dia anterior. Pois, segundo ele, o momento do ato fotográfico é irreversível e não há possibilidade de revivê-lo novamente. É a partir desse contexto que muitas pessoas procuram registrar os vários momentos de suas vidas, por exemplo, comemorações de aniversários, casamentos, batizados, viagens e etc. Sob a perspectiva de congelar aquele instante vivido que não acontecerá novamente do mesmo modo e com a mesma intensidade. Algumas travestis ao exibirem suas fotos do passado, de

quando não tinham feito nenhuma transformação estética, ou ao compararem estas com as fotos do presente, parecem demonstrar que, esteticamente, o antes está morto não só no que se refere ao tempo, mas também no que diz respeito à sua nova identidade de gênero.

O ato de tirar uma foto passa a ser um “rito social”, ou de certa forma passa a confirmar uma realidade por meio de fotos. Ou seja, trata-se, segundo Sontag, de “um consumismo estético” que vicia diversas pessoas de vários lugares que passam a publicar fotografias do cotidiano passando a idéia de que tudo deve terminar em foto (SONTAG, 2004, p.34-35).

As pessoas possuem contas nas redes sociais para facilitar a comunicação e a partir de seus acessos programam o ato de postar as imagens também como uma forma de participar do grupo. As interlocutoras dessa pesquisa recebem comentários sob a forma de elogios, cantadas e críticas em relação ao seu gênero explicitado por elas nas fotos e no perfil do Facebook: feminino. Mas é nesse brincar de “querer ser” ou “parecer” que através de suas performances elas constroem suas identidades. As suas poses estabelecem uma relação entre os comentários recebidos e estes correspondem ao perfil que elas mesmas constroem.

Desde o surgimento da antropologia a imagem já possuía um valor importante para a pesquisa, pois a partir do que o pesquisador capturava “a olho nu” ele descrevia no texto e para dar um sentido mais amplo do que se viveu, foi incorporado o uso do registro fotográfico ao texto (COLLIER, 1973). Mesmo antes de aprender a “falar” o ser humano “vê” e é nesse sentido que percebemos o quanto a imagem tem importância para compreensão do mundo ao nosso redor.

No caso desse trabalho foi necessário não só utilizar as palavras, mas também a análise de imagens no sentido de obter uma melhor compreensão das performances nas fotografias dos quatro perfis das travestis descritos. É importante destacar que os comentários destinados a estas fotografias contribuem para construção dessas identidades travestis. Por mais que estejam posicionadas de maneiras diferentes nessa rede social, suas poses correspondem aos seus perfis e estes aos comentários que lhes são direcionados. Com a fotografia digital é possível criar imagens até mesmo com o telefone celular, o que torna praticamente ilimitado o

uso da fotografia, além da possibilidade para manipular as imagens com o uso de programas como o *photoshop*. E a partir das suas poses nas fotografias elas percebem como são e como querem que os outros as percebam também.

A maioria dos/das membros/as do Facebook e não apenas as travestis postam fotos em frente a um espelho. Com um Smartphone em uma de suas mãos, eles posam e após um *clic*, são ao mesmo tempo, os/as “fotógrafo/as” e também o “objeto” fotografado. Segundo Roland Barthes (1984) em *A câmara Clara*, sobre a fotografia:

O *Operator* é o fotógrafo. O *Spectator* somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleção de fotos. E aquele ou aquela que é fotografado, é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, emitido pelo objeto, que de bom grado o chamaria de *Spectrum* da fotografia, que tem (...) uma relação com o espetáculo (BARTHES, 1984, p.20).

Dessa forma, o ato de fotografar a si próprio em frente a um espelho ou não, corresponde a uma Selfie¹⁹. Para a realização desta, o fotógrafo é o objeto fotografado por ele mesmo. Este é um tipo de autorretrato que passou a ser comum nas redes sociais, basta estender um dos braços com o celular e mirar a câmera do celular em sua própria direção. Nesse contexto, delimitam aquilo que deve ser apresentado na foto geralmente da cintura para cima com destaque para o rosto. Isso ocorre pelo fácil acesso que se tem hoje a um celular, que além de fazer ligações possui um extenso número de serviços além de permitir o contato com outras pessoas por meio das redes sociais. Sendo assim, fotografando e reproduzindo imagens de maneira rápida e prática.

Para esse autor a imagem na fotografia é um objeto morto, “é a morte em pessoa” (BARTHES, 1984, p.24) pelo fato de parar um instante e este não voltar mais. Ou seja, a fotografia para esse autor, reproduz o que só pode ter ocorrido apenas uma vez e nunca mais poderá se repetir. Podemos considerar as imagens do passado de algumas interlocutoras que em meio algumas poses, congelam-se em um tempo que ficará na memória. Ao compartilhar estas fotos com outras pessoas, utiliza-se da fotografia impressa em papel ou converte-se uma imagem

¹⁹Segundo o diário de notícia de Portugal no dicionário online de Oxford essa palavra significa: “uma fotografia que uma pessoa tirou de si própria, normalmente com um smartphone ou webcam, e que foi colocada numa rede social”. Ver: http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=3540144 Acesso em agosto de 2015.

impressa para digital e assim exibe-se no computador ou no celular. Dessa maneira voltam a uma espécie de túnel do tempo por meio das narrativas criadas ao observar as imagens apresentadas.

Cada detalhe do cenário construído para a foto parece ser importante para as travestis se autoafirmarem como pertencentes ao gênero feminino. Para se cadastrar no Facebook há apenas dois tipos de gênero: Masculino ou Feminino e na maioria das vezes a identificação que escolhem é que pertencem ao gênero feminino. Em suas performances elas criam uma “mulher”, pois a fotografia não é apenas responsável por reproduzir o real, ela pode também reciclá-lo (SONTAG, 2004). A maneira que podem reciclá-lo é usando roupas femininas, maquiagens, acessórios, saltos altos, unhas pintadas e peças íntimas.

Em alguns momentos, ao exibir seus corpos elas procuram demonstrar “curvas” de uma “verdadeira mulher”. A fotografia por estar entre realidade e ficção transmite aos olhos de quem vê a representação de algo como se fosse real. É nesse sentido que muitas travestis ao exibirem seus corpos ou “mostram e/ou escondem” (quando acham necessários) símbolos que representam respectivamente, tanto o feminino quanto o masculino.

A partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem (BARTHES, 1984, p.22)

Para Barthes (1984) ao saber que será fotografado o indivíduo se transforma, encara um personagem que posará naquele instante. É como um jogo que “parece, mas não é” que as travestis compartilham, pois, conforme a sociedade qualifica “não são mulheres” (biologicamente) nem tampouco em termos culturais são homens (KULICK, 2008). Mas, a partir da fotografia elas demonstram o que querem ser. Ou seja, é um jogo de “representações”, com um ponto em comum entre a fotografia e a travesti, respectivamente, é que a primeira não é aquilo que se vê, mas, a representação de tal coisa capturada pela câmera, desse mesmo modo, a travesti também não é aquilo que se vê, mas apenas a representação de um ícone que se quer ser e do que se vê: uma mulher. Ou seja, em uma sociedade em que a norma de gênero prever apenas dois tipos, além de não prevê a transição de gênero, a fotografia funciona como um dispositivo de construção alternativa de gênero. Segundo Susan Sontag (2004) “o que torna uma coisa interessante é que ela pode

ser vista como parecida, ou análoga, a outra coisa” (p.191). Nesse contexto, o ato de usar roupa íntima (calcinha e sutiã) reproduz comentários do tipo: Figa sei! (traduzindo do italiano: vagina no sentido vulgar ou físico bonito). Dessa maneira, o outro imagina que a travesti possui órgão genital feminino e por isso comenta aquilo “que supostamente parece/ser” dentro da calcinha: uma vagina. E nesse caso, em outras fotografias sensuais os membros as relacionam ao ato sexual:

Come on dear fucking on the bed, I have homy (...) safadagostosa (...) Troppo sexy e safada (...) sexy pose! Ok (...) Soprettyand sexy in this sexy Black lingerie (...) (Comentários de algumas imagens postadas no perfil do Facebook de Ingrid Lemos em março de 2015)²⁰.

De acordo com Kossoy (2002) a reação de cada usuário ao ver uma fotografia depende da sua coletânea cultural particular, deste modo:

Algumas imagens nos levam a rememorar, outras a moldar nosso comportamento; ou a consumir algum produto ou serviço; ou a formar conceitos ou reafirmar pré-conceitos que temos sobre determinado assunto; outras despertam fantasias e desejos (KOSSOY, 2002, p.45).

Para esses usuários as peças íntimas como a calcinha e o sutiã, respectivamente, pertencem ao vestuário feminino para se usar sobre a vagina e os seios. O fato de eles reagirem ao verem essas fotografias refere-se a um imaginário compartilhado que constitui uma conexão que liga o sexo biológico a um determinado comportamento. E nessas fotografias sugerem a ideia do “parece” uma das características de poder capturar um momento em que o referente da imagem pode passar sentimentos como felicidade, tristeza, aborrecimento, dor etc., e até no caso citado representar outro gênero. Assim a fotografia “não pode dizer o que ela dá a ver” e essa é uma das particularidades da foto ela afirma que tal situação ocorreu, foi e ao mesmo tempo é (BARTHES, 1984 p.149).

Ou seja, ao adotarem acessórios, maquiagens e vestuários pertencentes ao universo feminino, as travestis reafirmam um gênero que escolheram diferente do que lhes foi imposto quando nasceram a partir do comportamento social e convencional. Desse modo, elas escondem seus órgãos genitais e fazem truques para congelar na fotografia o que lhes acha interessante mostrar. E assim, as suas identidades do passado morrem juntamente com o tempo e o espaço da foto.

²⁰Tradução: Chega querida vamos fuder na cama (...) muito sensual e safada (...) posição sensual (...) muito bela e sensual com este lingerie preta (...).

Aquilo que permanece na fotografia parece “ter vida” ao mesmo tempo em que está “morto”, é vivo porque representa algo ou alguém, e a partir de suas narrativas, quem olha ressucita algo que parecia parado e morto. Para muitas pessoas ter uma fotografia de um ou fato passado, significa uma presença que está lá e não morreu que estaria viva no presente. Para algumas travestis guardar fotografias do passado não fere o presente, apenas serve como algo que já passou, ocorreu e não volta mais.

2 A identidade travesti: a produção do corpo no Facebook

No âmbito desta pesquisa não tenho a pretensão de definir o que é ser travesti. Apenas procurei reproduzir como elas mesmas se autodefinem. Utilizo o termo travesti como uma categoria criada tanto pelas sujeitas quanto por alguns autores da academia. Faço o uso do artigo feminino “a” porque durante esta pesquisa percebi que as interlocutoras e suas amigas também travestis gostam de ser tratadas como pertencentes do gênero feminino. Não há a intenção de colocá-las numa caixa e assim classificá-las. Percebe-se que o modo de ser travesti é plural, nem sempre vestir-se 24 horas por dia de mulher seria a definição correta, ou colocar silicone nos seios. Há travestis que se identificam como tal, mas se travestem apenas em alguns momentos. Quando utilizo essa categoria penso que não existe “a travesti”, mas as diversas formas de “ser Travesti”.

A partir da ingestão de hormônios femininos / aplicação de silicone ou apenas o uso de roupas do vestuário considerado feminino, desse modo as travestis fazem de seus corpos um meio de expressão. Nesse contexto, o corpo da travesti fala através de suas curvas, dos gestos, da maquiagem, dos cabelos e acessórios. Segundo o antropólogo Marcos Benedetti o corpo travesti é uma linguagem, uma vez que:

Ao investir tempo, dinheiro e emoção nos processos de alteração corporal, não estão concebendo o corpo como um mero suporte de significados (...) é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos (BENEDETTI, 2005 p.55).

E com essa apropriação do que seriam relativas ao “universo das mulheres” elas constroem as suas feminilidades por não se identificarem com o gênero ao qual foram designadas ao nascer. Por isso, modificam o gênero a partir dos usos simbólicos que aderem ao corpo.

Não basta que dois sujeitos conscientes tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que em ambos as mesmas emoções se representem pelos mesmos signos. O que é importante é a maneira pela qual eles fazem uso de seu corpo (...) O uso que um homem fará de seu corpo é transcendente em relação a esse corpo enquanto ser simplesmente biológico (MERLEAU-PONTY, 2006, p.256-257).

Para esse autor, o corpo em si é algo ambíguo que deixa uma abertura de multiplicidades de como cada indivíduo pode fazer uso do mesmo. Segundo Marcel Mauss (1974) as técnicas do corpo correspondem a maneira pela qual os indivíduos

utilizam seus corpos na sociedade, com especificidades no que diz respeito ao gênero e a idade de cada indivíduo. Para Mauss “o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem”. Tal afirmação ocorre porque a educação influencia a maneira como o indivíduo deverá utilizar o seu corpo conforme os padrões de comportamento que lhes são impostos, principalmente o de gênero.

Algumas interlocutoras dessa pesquisa se autoidentificam como travesti porque afirmam que ser “travesti” é ser mulher, mas uma mulher diferente “uma mistura de homem e de mulher” (corpo de homem com alma de mulher). Para outras travestis e também para o senso comum elas são homens que se vestem de mulher e em todos os momentos se percebem como mulheres, mesmo estando com “roupas de homem”. Entende-se que as duas categorias homem e mulher têm seus significados de acordo com a cultura a qual estão inseridos. Ambas são categorias que não se encontram engessadas no mesmo tempo e espaço.

De acordo com Moore (1997) o binarismo sexual não pode determinar as construções de gênero nem tão pouco propor um sentido único e universal às categorias homem e mulher. Segundo ela, essas categorias se constroem socialmente e por isso não podem ser consideradas como algo acabado e/ou predeterminado:

Dados culturais comparados foram particularmente valiosos nesse aspecto, fornecendo a evidência empírica para demonstrar que as diferenças de gênero e as relações de gênero são cultural e historicamente variáveis (MOORE, 1997, p.02).

Para Anne Fausto-Sterling rotular alguém como homem ou mulher é uma decisão social, “podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero - e não a ciência - pode definir nosso sexo” (FAUSTO-STERLING, 2002, p.15).

Em alguns casos, há travestis que aceitam ser chamadas no masculino, mas há outras que não concordam e preferem ser chamadas no feminino de acordo com o seu nome social. Esta é uma identidade que subverte a norma que brinca com o binarismo sexual, pois para a sociedade, não se pode transitar entre dois tipos de pessoas (homem e mulher), mas apenas em um deles. E é isso que a travesti faz, subverte a norma por construir uma “nova criatura” que não se encaixa nos padrões que impoe a sociedade. Para Butler (2005) uma falta de coerência das regras que

governam sexo/gênero/desejo. Há nesse sentido, para essa autora, uma falta de organização entre sexo biológico, comportamento e a identidade heterossexual ou homossexual de acordo com a sociedade. Até entre as próprias travestis há o uso dessas categorias, pois muitas dizem não sair com mulheres porque não são lésbicas ou não preferem “homens afeminados” porque gostam de “homens heterossexuais”.

De maneira redundante, Kulick (2008), afirma que a penetração para as travestis é responsável por duas categorias de pessoas as que “penetram” e as que “são penetradas”. “Nesse sistema, as pessoas que só comem e nunca dão, mesmo que também comam, são classificadas como algo diferente de homens – o que eu poderia chamar de “não-homens”. De acordo com esse autor, os indivíduos do sexo masculino e feminino cujo desejo é o de ser penetrado compartilham o mesmo gênero (KULICK, 2008, p.239).

Nesse contexto, da configuração brasileira de sexo e gênero, o que determina ser homem ou mulher, de acordo com Kulick, não é a genitália em si, “mas o papel que a genitália desempenha no intercuro sexual” (KULICK, 2008, p.236). Nesse caso pode ser classificado de “mulher e viado” aquele pessoa que é penetrada e a que apenas penetra é identificada como “homem”. Para ele, as travestis são parte do mesmo gênero que as mulheres por “gostarem de dar”, mesmo que biologicamente sejam diferentes, a cirurgia para retirada de suas genitálias representa um rebaixamento na escala estética e social. Além de reproduzir o sentimento de perda no que se refere ao prazer e a renda (para as que se prostituem). Conforme Kulick:

A principal característica das travestis de Salvador, e de todo Brasil, é que elas adotam nomes femininos, roupas femininas, penteados e maquiagem femininos, pronomes de tratamento femininos, além de consumirem grande quantidade de hormônios femininos e pagarem para que outras travestis injetem até vinte litros de silicone industrial em seus corpos, com o objetivo de adquirir aparência física feminina, com seios, quadris largos, coxas grossas e, o mais importante, bundas grandes (KULICK, 2008, p.21).

Com essa passagem do texto descrito acima, embora haja travestis que se vestem 24 horas do dia como mulheres e que se submetem as mudanças corporais, há também as que se autoidentificam como travestis e que não fazem o uso dessas técnicas, mas, apenas que se travestem e usam seus nomes no feminino em alguns momentos de suas vidas, quando lhes é conveniente. Ou seja, a prática do uso de

silicones ou hormônios em certos casos impossibilita que algumas travestis possam transitar em alguns ambientes que impõem divisões entre ser homem e mulher²¹.

Segundo Louro (1998) as pessoas são identificadas de acordo com a maneira como elas se apresentam corporalmente e com as diversas formas como se expressam. Ou seja, o corpo e os gestos são os responsáveis por determinar como o indivíduo deve se comportar, pensar e agir diante de outros indivíduos no meio social.

Conforme o discurso, de algumas pessoas que se autoidentificam ou não como travestis, as travestis encontram-se numa situação de “nem lá, nem cá; “nem dentro, nem fora”; “nem é homem nem é mulher”, por transitarem em posições momentâneas não conquistam um status definitivo. No entanto, podemos considerar de forma alternativa que o feminino travesti não é o feminino das mulheres, “é um feminino que não abdica as características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre estes pólos,” (BENEDETTI, 2000, p.15). Por mais que sejam denominadas como “mulheres de pênis”, como uma das interlocutoras dessa pesquisa se autoafirma, não se pode pensar em uma ambiguidade, mas sim uma das possibilidades do feminino.

No caso das travestis, os símbolos que atribuem ao corpo resultam em um ato de dissidência que refletem em conflitos sociais e culturais perante os padrões dominantes. Esse viver em trânsito que se encontram as travestis é algo desafiador para as normas que seguem na sociedade. O fato de corresponder a posições que se encontram no limite entre dois estados diferentes:

Furtam-se ou escapam à rede de classificação que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural (...) não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos (TURNER, 1974, p.98).

Na lógica de Victor Turner, o rito de passagem possui três momentos: separação, margem e agregação. Nesse sentido, as travestis se encontram num estado de *communitas* numa posição de antiestrutura, vivendo de forma espontânea

²¹É o caso de uma das interlocutoras dessa pesquisa que será apresentado no terceiro capítulo no subitem 3.2.

às margens das estruturas dominantes (TURNER, 1974). Em relação a algumas travestis, podemos pensar que estão nessa liminaridade, “duradoura” enquanto outras podem ser pensadas como “efêmeras” por não se travestirem 24 horas por dia, pois agem de acordo com a necessidade de entrar e sair desta condição liminar. Isso acontece quando necessitam trabalhar em locais que não aceitam pessoas travestidas por causa da não aceitação da família. E para estarem nessa condição de “aceitação” ou “agregação”, elas desfazem suas personagens e voltam para a condição anterior.

Para Butler (2003), o gênero é algo relacional e plural e está muito longe de uma identidade fixa, por ter uma infinidade de possibilidades em aberto, e não ser definitivamente completo e/ou acabado. Para a autora, o sexo não é algo estático e sim algo que qualifica o corpo para o domínio cultural. Ou seja, o gênero seria um tipo de ficção cultural e performativo por ser algo que o sujeito incorpora através da reiteração com outros sujeitos. A autora explicita que para as práticas do travestismo, a identidade original ou primária é sempre parodiada, pois:

A noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz parte é da própria ideia de um original: assim como a noção psicanalítica da identificação como gênero é constituído pela fantasia, pela transfiguração de um outro que é desde sempre uma “imagem” nesse duplo sentido, a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual molda-se o gênero é uma imitação sem origem (BUTLER, 2003, p.197).

Assim quem seria esta pessoa? O que as travestis tentam imitar? Se ao concordarmos com Butler consideramos que não há uma ideia de origem, ou uma matriz que prefigure essas cópias, como é possível procurar a imitação perfeita de algo que é criado de uma cópia da cópia que ia de outra cópia? Se colocarmos desta forma seria possível afirmar que são as categorias criadas pela sociedade que provocam essa binaridade de sexo que relaciona comportamento com o sexo biológico. São situações que ultrapassam a “normalidade” e quebram algumas classificações estáticas e rígidas da sociedade sob uma perspectiva contrária à oposição heterossexual-homossexual.

Tanto travesti, transexual feminino e intersexo têm algumas semelhanças e especificidades em seus corpos, respectivamente. Pois a primeira possui uma ambiguidade “adquirida”, a segunda uma ambiguidade “desfeita” e o último uma ambiguidade “atribuída”. São corpos que desconstroem o “normal/natural”. Em

alguns casos, convivem em harmonia com seu órgão genital, ou (re) constroem para se sentirem bem (BENTO, 2006; KULICK, 2008).

Não a partir de um binarismo sexual, mas pode-se afirmar que para essas sujeitas é no corpo que elas produzem uma verdadeira “mulher”, na maioria dos casos de forma estereotipada, uma mulher sensual com roupas que possam marcar as silhuetas. Os seios têm um valor primordial (mesmo sem o silicone, usam sutiens com enchimento) e se não possuírem cabelos implantam ou utilizam perucas. Costumam ter unhas grandes e pintadas e usam sandálias de salto alto. São vários os detalhes que podem até ser considerados “exagerados” ou “específicos” e muitas vezes passam despercebidas entre muitas mulheres, mas para as travestis são símbolos importantes na performance que constroem com o corpo.

De acordo com os perfis dessa pesquisa há um limite/distinção que separa o “universo masculino” do “universo feminino”. Pois entendem que a mulher precisa ser vaidosa e sensível diferente do homem sem vaidade e racionais, características que asseguram suas identidades. Para algumas travestis, ser passivo no ato sexual é coisa para “mulher” em seus relacionamentos, mas quando se trata de programas é considerado normal, pois muitos homens as procuram para fazer programas com a intenção de serem passivos. Na fala de algumas interlocutoras dessa pesquisa, percebe-se que elas constroem e se identificam como pertencentes do gênero feminino, mas, no ato sexual surge o “órgão genital” que dá espaço a orientação sexual a qual pertencem.

Os perfis apresentados nessa pesquisa procuram demarcar a relação entre natureza e cultura, respectivamente, há uma definição clara entre estar inserido no universo feminino e masculino. Para essas sujeitas, afirmar que elas possuem uma beleza feminina natural equivale a um elogio, pois elas atribuem a mulher à natureza, por “dar a vida, amamentar, cuidar dos filhos, terem maior sensibilidade”, ou seja, a ideia de uma mulher estereotipada e submissa ao sexo masculino²². Por isso muitas travestis começam a fazer o uso de anticoncepcionais ainda muito jovens, para obter uma beleza feminina “natural”. E segundo as mesmas para isso acontecer depende muito da idade em que elas começaram a se transformar.

²²Algumas travestis participam de movimentos feministas, por exemplo, a Marcha das Vadias. Junto das pessoas do movimento reivindicam por direito e respeito para seus corpos.

Entende-se que travesti assim como o termo mulher são conceitos de disputa tanto pela academia quanto pelas próprias travestis. A partir desse contexto, ao analisar a página Travestis e Transexuais Brasileiras no Facebook, pude constatar que a definição de travesti é muito complexa. Por mais que elas sejam autoidentificadas como pertencentes do gênero feminino, em alguns casos, há uma rejeição entre a associação travesti e mulher.

Para a travesti e militante Janaina Lima (Fig. 4) em uma entrevista ao Blog Nlucon, se opondo a frase “não se nasce mulher” da filósofa Simone de Beauvoir, Janaina retifica a frase afirmando que não nasceu mulher e não pretende se tornar mulher, mas manter a sua identidade de travesti.

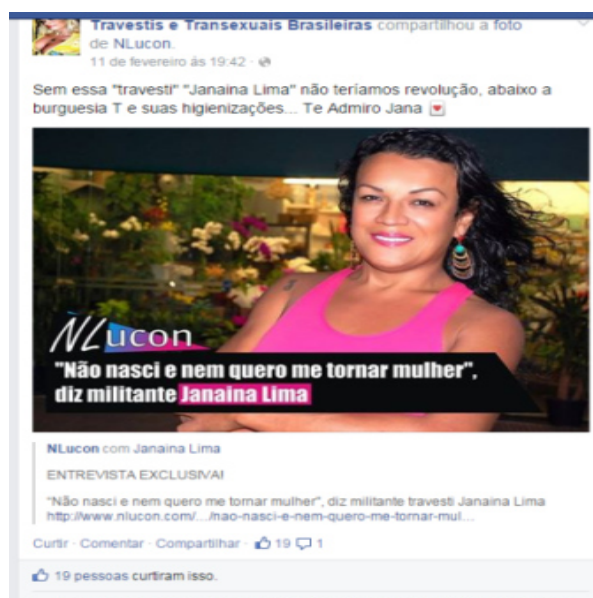


Fig.4:Militante Janaina Lima - Disponível em:
<http://www.facebook.com/travestisetranssexuaisbrasil>
as?fref=ts-Acesso em abril de 2015

Portanto, para Janaina a questão não é ser homem ou ser mulher nem tão pouco ser considerado como transexual, mas na sua concepção o que importa é afirmar a identidade travesti, sem cair na binaridade entre os sexos. Em contraponto a opinião de Janaina, a responsável pela página do Facebook Travestis e Transexuais em uma postagem descreve: “Sou mulher que tem algo a mais para oferecer e diferenciar” (Fig.5). Em uma conversa pelo Messenger do Facebook ela afirma que se considera uma mulher que tem um órgão genital masculino e por isso é classificada como uma travesti.

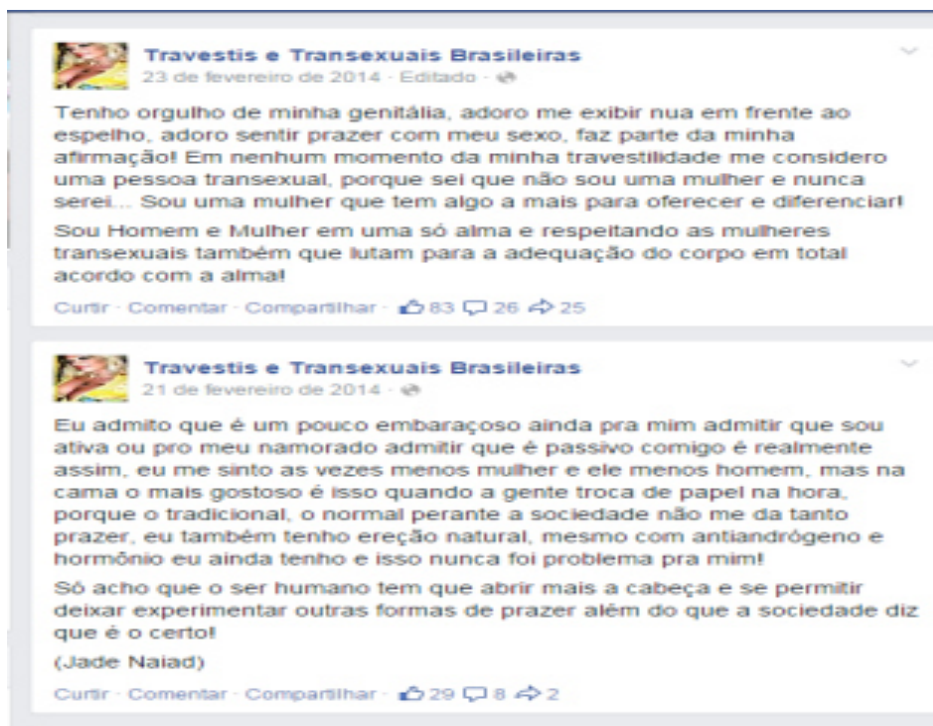


Fig.5– Funpage Travestis e Transexuais brasileiras - Disponível em:
<http://www.facebook.com/travestisetranssexuaisasileiras?fref=ts>
Acesso em maio de 2015.

Dessa maneira, segundo Pelúcio “o paradoxo se instaura aí, pois manterão em seus corpos, ainda que de certa forma normatizados, o elemento-síntese desestabilizador: o pênis (PELÚCIO, 2005, p.107).

Nas postagens essas travestis pretendem explicar o significado de ser travesti. Percebemos assim, ora a enunciação de uma identidade que não se encaixa na binaridade dos sexos, ora a definição de uma mulher com algo a mais. De qualquer forma, há uma referência ao sexo feminino, seja de aproximação ou distanciamento da identidade feminina. Pois, elas “constroem” um feminino que acreditam ser diferente do que a representação de um feminino produzido pela sociedade em que vivem.

Alguns seres da mitologia grega tais como, as sereias e os centauros são criaturas com cabeça, braços e dorso de um ser humano se possuem pernas de cavalo são centauros ou se exibem uma cauda de peixe são sereias. Ambos produzem uma ambiguidade por pertencerem ao universo da animalidade e da humanidade, ao mesmo tempo. Não há necessidade de se perguntar a que sexo/gênero pertencem, pois, a sereia representa a sensibilidade e a sensualidade

atribuídas ao feminino enquanto o centauro detém a força e o espírito de guerrear atribuídos ao masculino. Ou seja, nesses casos não se percebe a necessidade de procurar exhibir ou discutir que órgãos genitais ambos possuem. Basta o comportamento para serem classificados como macho ou fêmea.

Essa ambiguidade entre animalidade e humanidade é aceitável porque existe no universo infantil, no universo do imaginário e do onírico. Mas quando se trata de “sexo” as condições para uma “aprovação” onde há esse tipo de ambiguidade tornam-se quase impossíveis. Ou seja, a liberdade que se tem de “ir e vir” depende de como o indivíduo usa o seu corpo, pois a sociedade vigia e quando não está de acordo com o esperado ela pune aquele que transgride as suas regras (FOUCAULT, 1997). Neste caso, a produção do corpo tem uma liberdade parcial e negociada, pois depende da aceitação e aprovação de um coletivo.

Para Erving Goffman em *A representação do eu na vida cotidiana*, o mundo em que vivemos é “um palco” e as pessoas que nele habitam são “os atores” que desempenham seus “papeis sociais”. Essa analogia que ele faz com o teatro tem como objetivo aplicar as mesmas técnicas do teatro no cotidiano das pessoas.

A partir desse contexto, podemos destacar também que as travestis ao utilizarem um nome social, roupas femininas e se comportarem com um “jeito de mulher”, elas sentem-se na necessidade de expressar algo que comprove aos outros a validade de seu gênero (feminino construído a partir de um masculino que desconstroem). Elas fazem os ajustes no corpo à nova identidade de gênero que constroem (Kulick: 1998; Benedetti: 2005).

As travestis por se encontrarem numa situação social que as tornam “marginais” para a sociedade tendem com suas exposições no Facebook criar “espaços de autorepresentação e de autoimagem a partir de experiências coletivas que implicam em produzir e incentivar um olhar sobre si mesmo, um olhar exógeno” (TACCA, 2005, p.155). Pelo fato que nessa rede social é muito comum interagirem por meio de elogios, quase sempre quando se publica uma foto recebe-se (quem posta) pelo menos uma curtida ou um comentário parabenizando por tal ato.

Ao se tratar da representação na fotografia, elas desempenham vários papéis sociais, como nas poses que desejam parecer desde uma “menina inocente” a uma

“mulher sensual”. A *performance* dos papéis sociais tem procedência na maneira de como cada indivíduo concebe a sua imagem e a pretende manter. Ou seja, elas ao se apresentarem diante dos outros (tanto no virtual quanto no real) procuram passar uma impressão de que aquilo que os outros estão observando é uma “mulher”. Mas, conforme Benedetti (2005) de se “sentir” uma mulher, mas não “ser” uma mulher. A partir de suas técnicas corporais elas buscam um “feminino que lhes é bem peculiar” (BENEDETTI, 2005, p.89) ao gênero que querem pertencer.

Partindo da ideia de representação e teatro²³ há muito tempo nas pesquisas etnográficas percebe-se que a máscara²⁴ tem exercido um papel importante tanto social quanto estético nas manifestações de determinadas sociedades. Pois o uso da mesma seria uma forma de se sentir “como se fosse” a divindade que existe fora de si. Poderíamos relacionar esse ser, essa divindade às “travestis”, pois, ambos representam um ser que não seria o usual/normal/natural.

²³Ver Erving Goffman (1985) *A representação do eu na vida cotidiana*. No terceiro capítulo abordo a questão da performance a partir da ideia de representação sob a perspectiva desse autor.

²⁴A palavra Máscara vem do latim *Persona*, da qual deriva a palavra personagem, ou seja, características pessoais que o ator dá vida (GOFFMAN, 1985).

3 Entrando no campo

Como já foi mencionado na introdução desse texto, durante a graduação a partir do campo que realizei fui “levada” ao ciberespaço e mesmo sem “perceber” eu já estava “netnografando”. Diante de vários perfis de travestis na internet, escolhi num primeiro momento apenas quatro, mas de certa forma tive acesso aos outros perfis que fazem parte do meu grupo de amigo/a (s) e dos perfis escolhidos.

A minha entrada de campo no ciberespaço se deu quando eu ainda estava na graduação. Com a minha conta do Orkut optei por não fazer uma conta específica para pesquisa porque assim, elas se manifestariam de maneira natural, perceberiam que eu estaria tratando elas como pessoas comuns da minha rede social, meus amigos virtuais. Já no final da graduação (2011) comecei a transferir os amigos do Orkut para o Facebook do qual eu já participava desde 2007. Aos poucos, as travestis que estavam no Orkut passaram a integrar a minha rede de amigos do Facebook.

O uso dessa rede social não era nem nova nem desconhecida por mim. Quando eu decidi acompanhar alguns perfis, a primeira atitude foi identificar-me como estudante de antropologia. Muitas vezes me perguntavam se eu era repórter por fazer perguntas e observá-las tanto nas redes sociais quanto nos eventos que frequentávamos. Explicar o que era a antropologia era algo difícil, e no meio da explicação algumas delas faziam de conta que estavam entendendo e não perguntavam mais sobre a minha formação acadêmica. Mas por questão de ética como pesquisadora, foi necessário para me explicar para elas o que eu estava fazendo. Em um segundo momento quando confirmada a aceitação da pesquisa, pedi também a autorização para utilizar algumas fotos de seus perfis para o meu trabalho acadêmico. Como a minha graduação foi uma habilitação em Antropologia visual fiz um vídeo e o exibi às interlocutoras. Este foi aprovado por elas porque escolhi algumas fotos delas com um fundo musical da cantora Beyoncé, a qual é considerada uma mulher linda entre elas. A música (I am single) escolhida por mim para o vídeo significava para elas liberdade e independência na vida.

Nessa pesquisa para o mestrado (2014-2016) a minha entrada no campo ocorreu de maneira mais simples, pois algumas travestis estavam adicionadas no

meu Facebook e desse modo, possuíamos alguns “amigos em comum” ²⁵ em nossos perfis.

Num primeiro momento dessa pesquisa acompanhei as travestis apenas virtualmente e depois da qualificação desse trabalho passei a interagir com as interlocutoras fora do Facebook. A partir da observação de alguns textos expostos nos perfis e de conversas informais fora dessa rede social percebi que a junção entre netnografia e etnografia convencional poderia contribuir para um melhor desempenho dessa pesquisa. Ou seja, para relacionar o mundo de fora e de dentro do Facebook e assim perceber as diferentes formas de comportamentos entre elas.

A formação da identidade travesti é algo construído a cada dia nas redes sociais a partir de suas fotografias, frases e atitudes que elas configuram para dar notoriedade a “essa outra pessoa que criam”. Dependendo de suas poses “caras e bocas” no Facebook elas determinam essa liminaridade em seus corpos.

As discussões sobre o domínio público e privado nas redes sociais é algo que estabelece algumas dúvidas sobre as questões de privacidade do/a usuário/a. Geralmente, os perfis do Facebook podem ser vistos por qualquer membro/a que faz parte do círculo de amigos (ou não). Isso vai depender da configuração de privacidade da conta do/a usuário/a. Desse modo, os textos, imagens e vídeos postados podem ser vistos, copiados ou alterados por outras pessoas.

Há várias reclamações a respeito da questão dos direitos autorais no que se refere à imagem principalmente. De qualquer forma, quando comecei a pesquisar esses quatro perfis (por meio do Messenger do Facebook) pedi a autorização para utilizar algumas de suas fotos no meu trabalho acadêmico. Informei que eu pretendia realizar uma dissertação de mestrado sobre seus perfis e que o apoio das mesmas seria importante para a conclusão do referido trabalho. Apenas em um desses perfis tive dificuldade de interagir devido ao pouco uso por parte da usuária e por não estar morando no Brasil, no estado da Paraíba, impedindo que tivéssemos tido encontros presenciais.

²⁵Os amigos em comum são as pessoas que têm amizade com você no Facebook e também da pessoa cujo perfil você está vendo.

Em certo momento quando passei a marcar encontro fora do Facebook para conversar com essas interlocutoras, notei que se talvez as tivesse acompanhado desde o início, fora e dentro da rede social, teria tido um melhor proveito para a pesquisa. Por várias vezes entrei em contato com algumas delas e não obtive êxito, mesmo depois da qualificação quando percebemos que seria melhor adicionar mais perfis à pesquisa e sair um pouco do ambiente virtual, notei que talvez não tivesse mais tempo suficiente para criar laços de credibilidade entre as outras interlocutoras.

Por fim, para a construção dessa dissertação acompanhei os perfis de quatro travestis com a faixa etária entre 27 e 47 anos de idade. Três são residentes do estado da Paraíba e uma residente fora do Brasil, na Itália. A produção de dados dessa pesquisa foi elaborada através de entrevistas presenciais e também por meio do Messenger do Facebook, durante o período de janeiro de 2015 a abril do ano de 2016.

A partir do próximo tópico apresento os quatro perfis e suas especificidades que em alguns momentos se assemelham, e em outros divergem, no que diz respeito a como fazem o uso do Facebook e criam suas imagens travestis nesta rede social.

3.1 Perfil 1: Yasmin Limah

Yasmin tem 28 anos de idade, solteira, possui o ensino médio completo, trabalha como atendente de telemarketing e é residente na cidade de João Pessoa. O nosso primeiro contato ocorreu quando eu estava na graduação no ano de 2008. Ela já trabalhou em uma loja que vende móveis na cidade de João Pessoa e em uma lanchonete também, mas por um período curto. Hoje trabalha numa empresa de telemarketing e vez por outra aparecem clientes interessadas que solicitam o seu trabalho de cabeleireira e maquiadora. Quando isso ocorre, ela expõe o resultado final do seu trabalho no Facebook a partir das imagens que posta mostrando o antes e o depois do cabelo e a maquiagem das clientes. De acordo com o que ela publica no Facebook as suas atividades de lazer são para boates, shoppings centers e festas.

Conheci Yasmin em 2008 através de Bia, outra travesti que se “montava” ²⁶à noite, mas preferia ser chamada pelo seu nome social mesmo não estando “24 horas do dia” com roupa de mulher. Bia precisava trabalhar para sustentar sua família e por isso não tinha a liberdade de Yasmin e de outras amigas suas também travestis.

Nessa época eu era estudante de graduação do Campus IV, localizado próximo às aldeias indígenas potiguaras algo que interessava Bia, pois na época ela desejava desfilar como Miss Gay 2009²⁷ representando o povo indígena com um cocar feito pelo povo potiguara da Baía da Traição. Foram realizadas algumas tentativas, mas ela não obteve êxito em se fantasiar de potiguara, mas conseguiu desfilar como uma baronesa da cana de açúcar do século XIX. De qualquer modo ela representou o Litoral Norte do Estado da Paraíba no concurso, mas não da maneira como desejava, como “uma índia potiguara”.

Foi a partir desse e de outros encontros com Bia que eu pude me aproximar um pouco mais de Yasmin. Geralmente nos finais de semana eu encontrava Yasmin na boate Vogue-JP, em festas no centro histórico de João Pessoa e nos concursos de beleza Gay. Como o meu TCC discutia a sociabilidade das travestis na cidade de João Pessoa, eu acompanhei vários eventos, inclusive os de beleza (Miss Gay) e de performance²⁸ (Top Drag).

Por ter “uma beleza natural”, elogio que sempre recebia das suas amigas, Yasmin passou também a concorrer aos concursos de beleza Trans. Por duas vezes ela recebeu o título de Miss Paraíba Trans²⁹ nos anos de 2011 e de 2013, em uma delas conquistou o título de “a mais bela Trans”, o qual lhe deu a oportunidade de representar o estado no concurso Miss Trans Brasil. Nesse tipo de concurso é comum elas estarem acompanhadas por uma ou duas pessoas (consideradas

²⁶Travestir-se de mulher como o uso de perucas, vestidos, saias, maquiagem, sandálias, brincos, pulseiras, unhas pintadas etc.

²⁷É um concurso de beleza onde os concorrentes não podem fazer o uso de hormônios e/ou silicone em nenhuma parte do corpo, alguns concursos afirmam que deve ser uma concorrência entre “meninos” para receber o título de Miss Gay.

²⁸Esse concurso consiste em eleger o melhor transformista através da disputa de apresentações artísticas.

²⁹Para concorrer a esse título a candidata pode ser transexual ou travesti, não havendo proibição do uso de hormônios e/ou silicones pelo corpo.

amigas de confiança) que auxiliam na maquiagem, no penteado e até para colocar as roupas do desfile.

Segundo Yasmin, após esse segundo título, aumentou muito a sua popularidade no Facebook, pois ela passou a receber inúmeras solicitações de amizade por dia. Desde a inscrição até o resultado final do desfile essa rede social serviu como um espaço que lhe dava oportunidade de expor sua ansiedade e otimismo em relação ao resultado esperado no desfile. Para Yasmin o que é publicado na sua linha do tempo tem alguma relação consigo mesma. De acordo com suas palavras,

Quando eu publico alguma coisa é em relação a mim, é uma questão de compartilhar o meu dia a dia (...) que eu acho isso bem legal, por mais que muitas pessoas acreditam (sic) que ser reservado é melhor, eu gosto, eu curto isso... (Entrevista com Yasmin em maio de 2015)

Nas suas postagens há com frequência uma frase que faz referência a alguma música, um desabafo, ou uma reflexão para que outro/a membro/a possa ler:³⁰

E sempre que um amigo precisa estou sempre aqui com palavras p ajudar sejam duras ou não, e sempre procuro postar frasesque como eu me identifique ou eu precisava ler, algumas pessoas leiam e se identifiquem também (...) me preocupo mais em ajudar e ser feliz. (Entrevista com Yasmin pelo Messenger do Facebook em junho de 2015)

Diariamente ela publica em sua linha do tempo e interage (comentando ou curtindo) com aquele/a (s) que concordaram ou não com o que foi publicado. Suas fotografias registram pratos com refeição que ela mesma prepara, de imagens de si mesma com maquiagem que enfatize um olhar expressivo e um batom de cor forte nos lábios, (Fig.6).

³⁰Em algumas dessas postagens há o vocabulário da internet, será comum encontrar ao longo do texto nos comentários das usuárias a abreviações de algumas palavras tais como: pq= porque; vc=você; hoje=hj; d=de; p/= para; etc.



Fig.6: Yasmin Limah carão I - Disponível em: <https://www.facebook.com/yasimr> Acesso em julho de 2015



Fig.7 – Yasmin Lima “carão” II - Disponível em: https://www.facebook.com/yflef=br_rs Acesso em junho de 2015

Quando posta fotos do seu rosto, (Figuras 6 e 7), ela faz um “carão³¹” com sua maquiagem e com uma forte expressão no olhar. Na figura 7 além do batom de cor de violeta, ela repete na cor dos esmaltes de suas unhas, a cor do batom. Segundo Benedetti (2005) a maquiagem é uma etapa importante no processo de corporalidade e do gênero travesti. É a partir desse processo de montagem que “há um investimento em transformar a expressão do seu olhar” (BENEDETTI, 2005, p.04) e lembra que a partir do uso de hormônios, suas interlocutoras afirmam que é possível produzir esse olhar subjetivo, delicado, confuso e “feminino”, sem o uso dos cosméticos. Ao entrevistar e questionar Yasmin sobre as poses que escolhe em suas fotos, ela me respondeu:

O que eu tento mostrar nas poses que eu faço, na verdade... eu tento demonstrar pelo olhar quem sou...uma menina meiga, carismática, romântica, muito romântica (...) tento transparecer além do meu olhar, pelos gestos que estou bem comigo mesma (Entrevista com yasmin em abril de 2016).

Já os posts de suas fotos expressam a imagem de uma feminilidade associada à beleza e à sensualidade. Nem sempre, as imagens que ela posta (texto + fotografia) possuem coerência. Ora os seus amigos elogiam a sua imagem, ora comentam o que foi postado por ela. Em algumas das suas postagens ela aparece de perfil com olhar de lado, com as mãos no cabelo posando de maneira natural como se não estivesse fazendo uma pose para ser fotografada. É esta representação de querer “parecer” natural que ela demonstra com suas imagens, procurando expressar espontaneidade e naturalidade. Desse modo, geralmente está de perfil, cabelos lançados ao vento, com batom que dá um efeito de volume nos lábios. Mas em algumas imagens Yasmin está sem maquiagem, como é o caso de quando ela acorda e registra o momento (fig.8).

³¹No dicionário das modelos famosas, “fazer carão” refere-se a uma fotografia que destaca o rosto de maneira que reproduza uma beleza singular.

Saudar ao acordar, ou na hora de dormir é um rito que ocorre com frequência entre os/as usuários/as do Facebook. Do mesmo modo, vez ou outra Yasmin deixa uma frase e uma fotografia sua para informar que já acordou ou se vai dormir.

É comum compartilhamentos e marcações com sua mãe, seu irmão, tias e cunhada. Mas há um contato maior com sua mãe que sempre elogia suas fotos e como retribuição recebe elogios e palavras de afeto e carinho. Segundo Yasmin a sua mãe aceita a sua condição de ser travesti. Muitas pessoas do seu Facebook acompanharam a sua transformação “de menino para menina”.

Há um post com fotografias de várias etapas de sua vida, nele estão expostas diferentes imagens de Yasmin quando criança (menino), outra dela adulta (mulher) no concurso Miss Trans. Ao observar às fotos perguntei a ela o que o post significava: *“Não tenho e não temo a esconder nada para ninguém, afinal, meu passado fez a pessoa que eu sou hoje!”*. Nesse sentido Yasmin demonstra uma atitude tranquila e sem conflito com relação ao fato da representação da travesti e do menino conviver em seu post na linha do tempo. Não demonstra constrangimento por ter nascido com o sexo biológico masculino e depois transitar entre os gêneros (Fig.9).

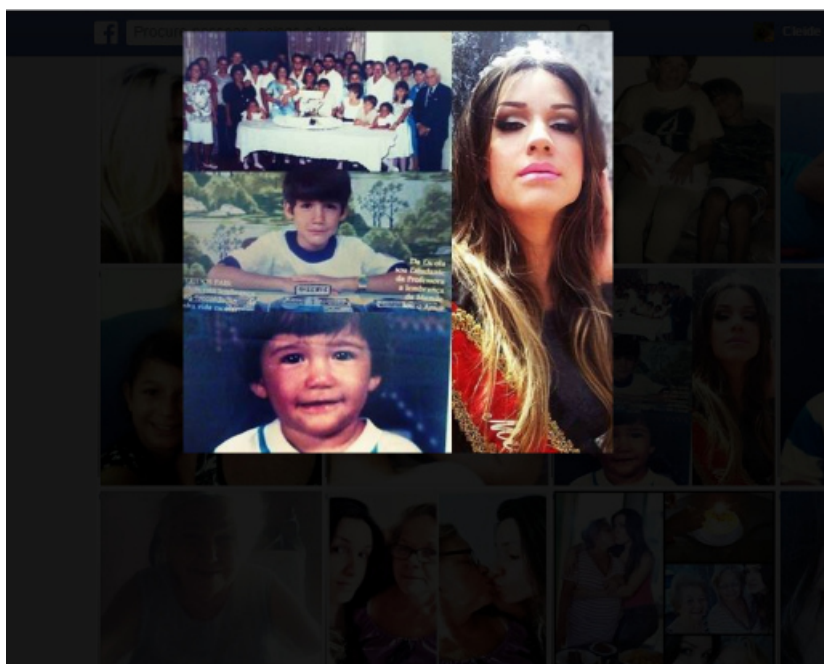


Fig.9–Painel Yasmin Limah de “menino a Miss” Disponível em:<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=305127499625441&set=a.1040568> - Acesso em dezembro de 2015.

De acordo com Yasmin, ser Miss Trans corresponde a um status de mulher bonita, ou melhor, uma boneca que muitas meninas têm inveja de possuir.

Desde criança eu sempre brinquei com boneca, sempre fazia roupas pra ela, roupas femininas e na verdade, eu não queria brincar de boneca eu queria ser uma boneca (...) fazer as minhas próprias roupas, ter o cabelo grande, então assim... (Entrevista com Yasmin em abril de 2016).

Além de “querer ser uma boneca”, Yasmin também gosta de se comparar com atrizes famosas da televisão brasileira. Em duas das suas postagens, ela brinca com a imagem de duas atrizes. Nanda Costa (fig.10) e Bruna Marquezine (fig.11), provocando os/as usuários/usuárias para opinarem se ela parece ou não parece com tal diva famosa.



Fig.10-Yasmin Limah versus Nanda Costa-Disponível em:<https://www.facebook.com/photo-> Acesso em março de 2016.



Fig.11– Yasmin Limah *versus* Bruna Marquezine - Disponível em: <https://www.facebook.com/photobid=40=3&theater> - Acesso em março de 2016.

Nas figuras 10 e 11, através das fotos, Yasmin procura copiar cada detalhe dessas atrizes o olhar, a maquiagem e o jeito de arrumar o cabelo. Percebe-se que ela adéqua o seu cabelo conforme o das atrizes, a partir do efeito da cor da fotografia. Na primeira foto, a atriz Nanda Costa tem mechas em seu cabelo, por isso Yasmin utiliza a foto colorida. Diferente da segunda imagem, Yasmin coloca o efeito preto e branco para não mostrar suas mechas e assim parecer ter os cabelos pretos da atriz Bruna Marquezine. Dessa forma, ela “brinca”, fazendo uma performance para as fotos, no sentido definido por Schechner (2012), ao tentar imitar as atrizes famosas . Yasmin cria um, “como se” fosse essas atrizes, provocando assim, entre seus amigos no Facebook, o imaginário feminino permeado por ideais de beleza e fama.



Fig.12 Yasmin Lima “a princesa” - Disponível em: <https://www.facebook.com/photo26&set=t.100003845802191&type=3&theater> – Acesso em abril de 2016

.Na fotografia da figura 12, Yasmin não coloca uma atriz ao seu lado, ela apenas se fantasia de princesa e faz uma analogia da ideia de contos de fadas (ficção) a de realidade (Deus na sua vida). Desse modo, ao se fantasiar de princesa, ela incorpora um status de riqueza e ao mesmo tempo de beleza. Pois, em alguns comentários das suas fotografias, e também de outras interlocutoras dessa pesquisa, percebe-se que não basta estar fantasiada de princesa para ser chamada de “princesa”. Quando alguém quer fazer um elogio diz: você tem a “cara da riqueza”; “é rica”, “princesa”, “rainha”, entre outros comentários que correspondem a um status social de poder.

Em uma das minhas idas a boate Donana³², encontrei Yasmin ao lado do seu namorado e de amigo/as. No campo real, ela pareceu ser um pouco tímida; dificilmente conversa com as pessoas ao seu redor. Mas estava sempre com o

³² É uma boate GLS localizada no centro da cidade de João Pessoa.

celular nas mãos tirando fotos suas ou pedindo para alguém do seu círculo de amizade fotografá-la.

Geralmente quando Yasmin recebe um elogio em seus posts no Facebook e percebe que é “um tipo de paquera”, ela agradece o elogio e deixa bem nítido que tem uma pessoa na sua vida. *“Certos tipos de comentários como digamos assim paqueras, até porque hoje estou bem resolvida com quem estou”* (Entrevista com Yasmin em março de 2016). De acordo com ela, receber um elogio no Facebook é mais fácil de acatar porque se considera muito tímida, *“no Facebook eu não tou (sic) olho no olho com a pessoa, entendeu, eu não tenho tanta vergonha de responder, mas sempre respondo”* (Entrevista com Yasmin em abril de 2016).

Nota-se que as suas fotografias postadas quase todas são imagens em que ela expõe o corpo da cintura para cima. Dificilmente ela coloca uma foto de corpo inteiro. Ao perguntar sobre tal atitude, ela afirmou: *“Nunca prestei atenção a isso, mas acho que da cintura para cima, eu saio melhor, mas tenho fotos também em que estou de pé”* (Entrevista com Yasmin em maio de 2016). Fig.13.



Fig. 13 - Yasmin Limah no mural Disponível em: [https://www.facebook.com/photo/?fbid=41127230567762](https://www.facebook.com/photo/?fbid=41127230567762&type=photo) Acesso em abril de 2016.

Na imagem da figura 13, há um mural no fundo com inúmeras fotos de mulheres do século XX em várias poses, com pequenas peças de roupas no corpo. Exibindo o busto, as pernas, os cabelos, em movimento corporal. Além de compartilharem ao mesmo padrão de beleza. Do mesmo modo que essas artistas, Yasmin movimenta o corpo: dobra a perna direita, coloca a mão esquerda na cabeça, enquanto a outra mostra a sua pulseira de prata. Ao olhar para essa imagem tem-se a ideia que ela também faz parte desse mural.

Ao observar a sua linha do tempo, percebe-se que Yasmin publica quase todos os dias, por várias vezes ela repete uma fotografia sua (geralmente aquela que teve muitos comentários). Dificilmente ela tira uma foto antes das suas saídas tentando mostrar a roupa e acessórios que irá se apresentar. Diferentemente do próximo perfil que procura sempre mostrar seu *Look* antes de sair aos/as usuários/as do Facebook e depois, durante o seu entretenimento.

3.2 Perfil 2: Thuane Aylla

Thuane Aylla tem 30 anos de idade, é solteira, graduada em serviço social, residente na cidade de Campina Grande. Antes de adicioná-la ao Facebook tive a oportunidade de conversar face a face com ela no I Encontro Estadual da Juventude LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) da Paraíba realizado na Universidade Federal da Paraíba no Campus I. Esse evento teve como objetivo formar os (as) participantes sobre como exercer sua cidadania, no que se refere aos direitos humanos, saúde, política e arte. Dentro da programação escolhi a oficina de Performance e maquiagem Drag. Foi nessa oficina que conheci Thuane e outras drags. De acordo com ela, o seu nome social apenas era utilizado em momentos de shows e/ou lazer na noite quando estava montada.

Ao perguntar sobre o porquê estava participando dessa oficina Thuane me respondeu que era uma artista e tinha curiosidade de entender um pouco sobre a maquiagem drag e também sobre a vida das primeiras drags e a diferença entre a Dragqueen, Top Drag e Drag caricata. De acordo com Santos (2008) o corpo drag é

algo momentâneo, é performático atemporal, não há uma intenção de se parecer com uma mulher, o que se pretende através da performance é o extrapolamento das fronteiras entre o masculino e o feminino. De acordo com os/as participantes dessa oficina, ser drag seria diferente de ser uma travesti porque a travesti teria o desejo de “parecer” para algumas ou “ser” para outras: uma mulher. Enquanto para os/as participantes a Drag seria algo artístico que gosta apenas de brincar com as categorias homem e mulher através das suas performances.

Quando falei que queria ser maquiada, alguns dos participantes não aceitaram por acharem estranho uma mulher se transformar numa Drag. Senti um pouco de rejeição no começo, mas depois já não estavam preocupados com tal situação. Foi Thuane Aylla quem ajudou na minha maquiagem. Mesmo assim ela e alguns participantes diziam que seria difícil me maquiar, pois não precisava dos truques que elas faziam para esconder os pelos e os traços “masculinos” que possuíam no rosto. E que se eu quisesse me transformar numa Drag teria que fazer o avesso deles/delas, ao invés de esconder os traços masculinos eu deveria desfazer meus traços femininos tentando sobrepor o masculino e assim fazer uma maquiagem Drag. O tempo todo eles/elas referiam-se as diferenças entre os homens e as mulheres no que se refere aos traços e aos pêlos do rosto para realizar uma boa maquiagem.

Após o término dessa oficina fizemos uma apresentação com o resultado das maquiagens e do famoso bate cabelo³³ das Drags, que resultou para mim o título de “Drag Rachinha”.

³³Momento do show em que uma drag queen começa a girar sua cabeça com muita velocidade conforme o ritmo da música.



Fig.14: Oficina Drag- Imagem do meu arquivo pessoal.

No início do ano de 2015 ao visitar o perfil de Thuane Aylla deixei uma mensagem na sua caixa de entrada com a pergunta se eu poderia incluí-la na minha pesquisa do mestrado: *“pode sim, hoje eu sou uma travesti”* (Conversa pelo Messenger do Facebook em janeiro de 2015). Pois, quando a conheci na Oficina, ela não se apresentava como Thuane, mas como Edy.

De certo modo, um pouco influenciada pelo meio social, pensei que Thuane tomasse hormônios ou teria vontade de utilizar silicone no corpo. Ao contrário dos outros perfis, ela me respondeu que não fazia uso de silicone e nem tão pouco tomava hormônios para transformar seu corpo.

Olha só, não tinha muita convicção após aquela nossa conversa em JP, quando vc estava fazendo sua monografia. Hoje, com mais maturidade posso lhe afirmar que sinto-me a vontade sendo a Thuane e gostaria muito de vivenciar essa identidade 24 horas. Porém, moro com família evangélica, que gosta muito de mim, que me aceita enquanto vivencio o trânsito de ir e vir, em alguns momentos como Thuane e outros como edy (ednaldo), porém não aceitaram que me tornasse mulher 24 horas do dia. Já tentei de tudo, mas não consegui êxito. (Entrevista com Thuane pelo Messenger do Facebook em maio de 2015)

Desse modo, Thuane se autoafirma como uma travesti, mas não se veste 24 horas de mulher ou faz uso de silicones ou hormônios femininos como outras travestis devido à difícil aceitação por parte de sua família. Por isso, segundo ela, ao contrário do que desejaria, precisa transitar entre os dois mundos: o de “Edy” e o de “Thuane”. Além de que a condição de ser travesti, para não corresponder a

binaridade sexual, é melhor ser entendida como uma identidade em trânsito. E para que possa ser Edy, ela não faz o uso de hormônios para transformar o seu corpo:

Hormônios não farão o mesmo efeito que faz nas trans que começam muito cedo, portanto terei traços muito masculinos em evidência que instiga ainda mais as violências cotidianas (Entrevista com Thuane pelo Messenger do Facebook em maio de 2015).

No trecho dessa conversa percebe-se que ela teme uma transformação no seu corpo pelo fato de provocar um conflito em seu meio social familiar e também por instigar a violência. Mesmo assim, ela se considera uma travesti e militante. Até o seu Facebook de “Edy”, ela não adiciona ao de Thuane para “não confundir as coisas”,

Esse meu lugar construo totalmente a parte do meu outro eu, tanto é que nem amiga de mim mesma sou, kkkkkkk no face. Não add o face já para não confundir as coisas, tento ir me construindo sem tentar atrelar uma imagem a outra, por mais que uma dependa da outra. COMPLICADO pra mim... (Entrevista com Thuane pelo Messenger do Facebook em maio de 2015)

Mesmo assim, pude observar uma publicação na sua linha do tempo em que uma amiga sua parabenizava pelo seu aniversário e o de Edy. Em resposta Thuane agradeceu e disse que seu irmão Edy também estava agradecido pela lembrança. Talvez pelo fato do Facebook ser um espaço que o/a usuário/a possa controlar um pouco mais no que se refere à amizade, Thuane encontre nesse espaço maior liberdade para estar 24 horas de mulher.

Pois fora desse ambiente, a violência física sofrida por travestis cresce a cada dia, justamente por assumirem suas identidades 24 horas por dia. E esse é o ponto que faz muitas travestis não aceitarem Thuane Aylla como uma travesti. “*E mesmo não estando 24 horas de mulher, ainda que seja contestada por algumas militantes, ainda assim para mim, me sinto TRAVESTI*” (Entrevista com Thuane pelo Messenger do Facebook em junho de 2015).

De acordo com Thuane, as travestis que não a aceitam justificam sua desaprovação porque “Edy” estuda, trabalha e quando quer “brincar” se transforma em Thuane. Enquanto elas sofrem o estigma 24 horas por dia por serem travestis. E por isso, muitas vezes não conseguem ter acesso à educação escolar nem tão pouco um emprego digno, por assumirem uma condição de travesti.

Segundo Nicholson (2000) a palavra mulher não deve possuir um sentido único específico pelo fato dessa categoria abranger a questão racial, social e econômica. Torna-se difícil reivindicar direitos para um grupo tão dinâmico e plural correndo o risco de favorecer umas e esquecer outras. Ao comparar o sentido de travesti, Thuane contrasta com a militância travesti, do mesmo modo devemos compreender que ser travesti assim como ser uma mulher são categorias que possuem uma diversidade de sentidos para os seus indivíduos. Sabe-se que há mulheres que são negras, brancas, ricas, pobres, alfabetizadas, analfabetas etc. Do mesmo modo, podemos dar ênfase também para as travestis, pois ser mulher não quer dizer que seja aquela que quer ter filhos, que usa sandália de salto alto, romântica, que prancha os cabelos, pinta as unhas de cores fortes, gosta de ser paquerada entre outras características. Ao analisarmos essa situação de deslocamento de Thuane que não está 24 horas do dia travestida como uma mulher e por isso passa a ser criticada por outras travestis, pode-se comparar com as mulheres que não estão dentro dos padrões “da feminilidade”, ou nos casos das transexuais femininas que fazem uma cirurgia para a construção de uma vagina, mas não conseguem o reconhecimento social de serem mulheres.

Segundo Benedetti (2005) as próprias travestis se identificam entre si por promoverem algum tipo de modificação nas formas dos seus corpos sob a perspectiva de transformá-los em prol de se assemelharem ao corpo das mulheres. Thuane Aylla afirmou que uma travesti já chegou pra ela e disse: “*você é um gay que se monta pra fazer shows*”. O que a deixou chateada por perceber que o mesmo preconceito que essa travesti sofria por parte de quem não era travesti, ela também sofria por parte de pessoas do grupo com o qual ela se identificava.

Thuane Aylla é uma travesti que se autoafirma militante, pois esta sua condição contraditória não a impede de postar discussões sobre a política e direitos LGBTTT (Lésbicas, Gays, Transexuais, Travestis e Transgênero), transfobia, preconceito, superação de pessoas transexuais e travestis etc. É comum perceber a partir de suas fotografias no Facebook, a sua participação em eventos que discutem a comunidade LGBTTT.

Além de sua atuação militante, ela também publica em seu perfil fotografias suas e de amigos/as quando estão em festas, boates e/ou na casa de amigos/as. É

comum que antes de sair de casa, ao terminar sua transformação, ela publique uma foto informando que sairá para algum local. Nas fotos exibe seu rosto maquiado, com vestidos, saias curtas e suas perucas coloridas.

Todos os anos, Thuane desfila como rainha de bateria de uma escola de samba. Isso faz com que ela publique o antes e o depois do desfile. Esse ano quando se aproximava o dia do desfile ela procurava publicar a sua fantasia sendo construída, detalhando os detalhes do que era composta. Na figura 15 ela está no seu quarto com paredes cor de rosa, vestida com a roupa de rainha da bateria, maquiada, com uma peruca com cabelos abaixo dos ombros e com um sutiã de enchimento. Ao olhar para o seu lado com o celular na mão esquerda, ela põe a mão direita na cintura e tira sua foto. Na boca está um batom de cor vermelha que quer fazer um efeito de aparentar lábios grandes.

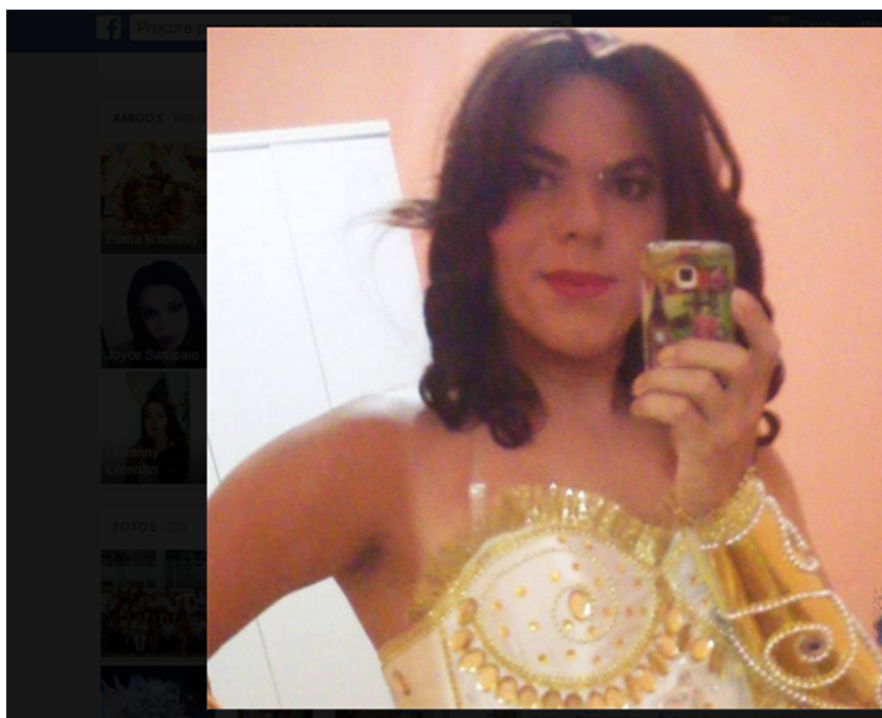


Fig.15:Thuane Aylla rainha da bateria - Disponível em: <https://www.facebook.com/thane.hayllat> Acesso em agosto de 2015.



Fig.16- Thuane Aylla sequência I -Disponível em:<https://www.facebook.com=lhc> - Acesso em janeiro de 2016



Fig.17– Thuane Aylla sequência II- Disponível em:<https://www.facebook.com> – Acesso em abril de 2016.



Fig.18 – Thuane Aylla na parada gay - Disponível em:<https://www.facebook.com> – Acesso em março de 2016.



Fig. 19- Thuane Aylla, antes e durante evento -Disponível em:<https://www.facebook.commayllalh> – Acesso em março de 2016.

As imagens das figuras 16, 17, 18 e 19 correspondem a uma sequência de fotos que se referem a umas das saídas de Thuane. As figuras 17 e 18 são imagens apresentando a roupa que irá vestir em um evento. Já as figuras 19 e 20 representam ela vestida em determinada festa e/ou evento. Percebe-se que na maioria dessas fotografias ela se encontra em pé, com as mãos na cintura, exibindo as pernas e o glúteo. Quando posa sentada, cruza as pernas e põe as mãos em cima das mesmas, olha para câmera e ora ri, ora faz uma expressão mais séria. Em algumas de suas postagens, quando tira uma foto de corpo inteiro ela procura valorizar as pernas. Diferentemente do perfil anterior, em grande parte das suas fotos ela se veste com vestidos ou saias. Não há fotos em que ela esteja vestida de calça jeans. Em todas as suas fotografias ela está maquiada, de peruca e de sandália de salto alto.

Mas além das fotografias de corpo inteiro, Thuane também posa para fotos nas quais exhibe apenas do rosto. Estas são poucas, como a da figura 20.



Fig.20- Thuane Aylla “carão”-
Disponível em: <https://www.facebook.com/thuane.haylla> – Acesso em dezembro de 2015.

Na foto acima, Thuane usa óculos escuros e um batom cor de rosa vivo, faz um “biquinho” e com uma das mãos segura o celular para tirar uma foto.

No que se refere a sua profissão, Thuane é graduada em Serviço Social motivo pelo qual ela busca participar dos movimentos sociais e reivindicar os direitos das pessoas que sofrem por causa da questão de gênero, em específico as travestis. Segundo Yamamoto (2011) essa profissão surgiu no final do século XIX na Europa executada por mulheres que tinham o objetivo de dar assistência as pessoas pobres que perambulavam pelas ruas. O fato de, por muitos anos essa profissão ter essa característica de “cuidar e proteger” pessoas vulneráveis socialmente, fez com que esta tenha passado a ser vista como uma profissão “de mulheres”. Quando o serviço social começou a se desenvolver, ele se encontrava numa sociedade patriarcal e fiel à igreja católica, onde caberiam às mulheres o papel de mãe, protetora e obediente ao marido. Foi nesse contexto que essa profissão se desenvolveu e perdurou por muitos anos dando a oportunidade apenas para as mulheres assumirem o cargo de assistente social. É comum perceber que até hoje dentro dos profissionais que a compõe estão em maior número às mulheres, os homossexuais, as travestis e por fim os homens. De certo modo, para Thuane essa profissão deu-lhe uma maior visibilidade para compreender além da identidade travesti, outras identidades que são discriminadas por não se encontrarem numa situação que se encaixa entre as categorias homens e/ou mulheres.

Em seu perfil não há publicações com as pessoas da sua família, segundo ela a sua família a aceita como nasceu, “Edy”, um homem e não aceita essa sua identidade feminina “Thuane Aylla” travesti e militante dos direitos e política LGBTTT. Desse modo, a sua família está adicionada apenas no seu perfil de Edy.

No perfil de Thuane, há muitas publicações de textos, vídeos, reportagens, por isso não há tantas fotos suas postadas descrevendo cenas e situações do seu cotidiano como o perfil de Yasmin Limah. Mesmo assim, é interessante ressaltar que Edy, ao se montar de Thuane procura demonstrar delicadeza com poses que remetem ao “universo feminino”. E para se assegurar de que “está bela e feminina”,

ela espera receber comentários sobre seus posts que a elogiem, aumentando assim a sua autoestima.

No perfil seguinte, diferentemente dos dois primeiros já apresentados, a interlocutora procura exibir o seu corpo no Facebook para conseguir clientes. Não há nele publicações sobre a comunidade LGBTTT, religiosidade, saídas ou troca de conversas com amigos/as e ou de familiares. Percebe-se que a preocupação da interlocutora está na possibilidade de transmitir sensualidade, em cada publicação.

3.3 Perfil 3: Ingrid Lemos

Ingrid Lemos, 27 anos de idade, é solteira, brasileira, possui o ensino médio completo, trabalha como garota de programa e reside em Milão, na Itália.

O meu contato com Ingrid sempre se deu através do Facebook. Encontrei o seu perfil por acaso. Ela fazia parte do círculo de amizade de uma pessoa da minha rede social. Cliquei no seu perfil e como nada era restrito tive acesso as suas fotografias, postagens e comentários da sua linha do tempo. Isso foi possível porque a mesma não bloqueou o acesso para que qualquer membro/a de dentro ou de fora do seu círculo de amizades pudesse visualizar o seu perfil. Em um primeiro momento, enviei-lhe uma mensagem em italiano (Ciao, possiamo essere amiche?/Podemos ser amigas?) ao qual ela me respondeu: Sim, podemos ser amigas. Desse modo percebi que ela não era italiana e após a confirmação de amizade, mandei uma mensagem no privado explicando-lhe que eu estava no mestrado e a minha pesquisa abordava sobre as questões de corpo, gênero e performance nas redes sociais. E também indaguei se eu poderia incluí-la na minha pesquisa. Após algumas horas ela me respondeu que não via problema nisso e que eu ficasse “à vontade”. Desse modo, comecei a observar as suas postagens, curtidas, vídeos e comentários da página inicial do seu perfil do Facebook.

Como nosso contato se deu apenas pelo Facebook as nossas conversas foram todas por meio do Messenger dessa rede social. Marquei algumas vezes para falarmos pelo Skype, mas ela sempre respondia que estava ocupada sem tempo para falar comigo. As perguntas que eu fazia para Ingrid no início eram respondidas em no máximo algumas horas, um dia, dois, três dias, chegando a demorar uma semana para me responder. Mas quando respondia primeiro me pedia desculpas

pela demora, explicando que isso se dava pelo fato de receber muitas mensagens de clientes. Segundo a mesma, o seu tempo era disponível para cuidar da sua beleza e que precisava estar bela, sensual e atraente e assim ganhar dinheiro. O fato de ela produzir seus próprios vídeos também ocupava muito o seu tempo. Pois antes de publicar, ela assistia a todos e se não gostasse deveria produzir outros para exibi-los na sua linha do tempo do Facebook.

O local que Ingrid está em suas fotografias é geralmente em estúdio de fotografias, motéis ou na praia. Na maioria das fotografias ela usa calcinha e sutiã, biquíni, espartilhos e se está com roupa, é alguma peça que cola no seu corpo para mostrar as curvas e o tamanho dos seus seios.

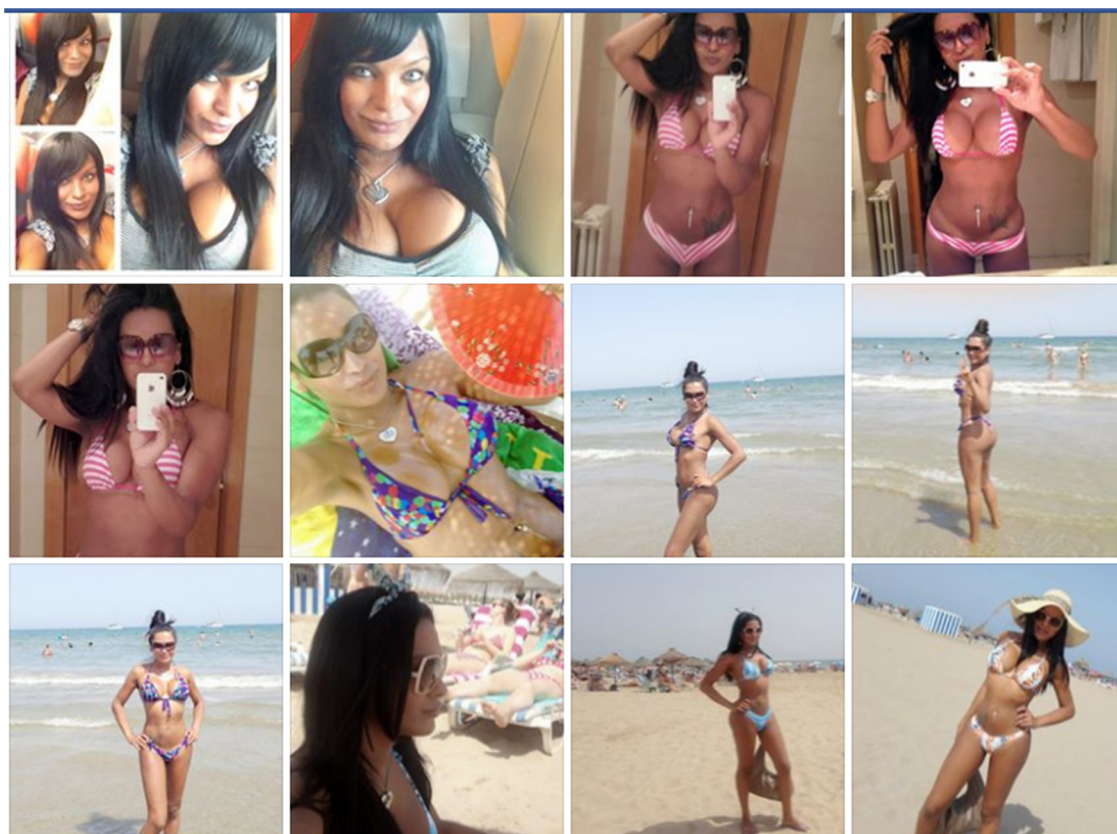


Fig.21- Ingrid Lemos na praia - Disponível em: <https://www.facebook.com>
Acesso em dezembro de 2015.

As imagens da figura 21 correspondem a um painel produzido por Ingrid com várias fotos suas de biquíni na praia. Percebe-se que as fotos em que ela está em pé, na areia, são tiradas de certa distância. Em quase todas, ela põe a mão na cintura ou nos cabelos. Quando olha para câmera faz um “biquinho” com os lábios ou tenta abrir um sorriso. Nessas imagens Ingrid procura a partir de suas

performances construir a imagem de um feminino, de uma mulher desejada e sensual.

Ao perguntar sobre os cuidados com seu corpo, ela respondeu:

Desde criança eu quis ser menina, mas devido à pressão da família fui morar com uma tia e depois, que a minha família se arrependeu eu voltei a mora em casa novamente. Mas com a minha saída, o retorno foi diferente, pois eu já estava trabalhando na noite e tinha que mentir dizendo que iria dar uma volta com as minhas amigas, mas na verdade eu saía pra trabalhar mesmo. Essa foi uma escolha que eu fiz e que não me arrependo até hoje, com o dinheiro que ganho aqui posso ajudar a minha família (Entrevista com Ingrid pelo Messenger do Facebook em janeiro de 2016).

Conforme as interlocutoras de Pelúcio (2005) essa mudança de país pode ser considerada como um sonho para várias travestis por dar acesso a um melhor nível de vida. Segundo essa autora, muitas travestis viajam para Europa porque o preconceito lá contra elas é menor em comparação ao Brasil, por mais que sejam estereotipadas e rotuladas por serem travestis. Há uma maior possibilidade de juntar dinheiro trabalhando em comparação com o Brasil. Muitas quando voltam compram apartamentos, carros ou mantêm uma boa conta bancária que lhes proporcionam uma garantia de vida. De fato essa situação não se aplica para todas as travestis, mas é um tipo de pensamento comum para algumas. Com isso ganham ascensão e prestígio social (VELHO: 1981). Neste caso, trata-se de uma maneira de mostrar às pessoas que tiveram melhores condições de vida por morarem na Itália. Segundo Pelúcio o dinheiro possibilita comprarem a cidadania brasileira, além de “se passarem por mulheres”, devido aos investimentos que fazem em seus corpos (PELÚCIO, 2005, p.146).

Para Ingrid o Facebook faz parte do seu dia a dia, pois através dele ela posta vídeos curtos, informa onde estará disponível para fazer programas, como quando está em Roma, Milano (onde reside) ou até mesmo quando vem ao Brasil.

Percebe-se que o corpo dela possui implante de silicone nos seios, nos lábios e no glúteo. Os seus cabelos são compridos e escuros, nos olhos usa lentes de contato (de cor verde e/ou azul). Em quase todas as suas poses exibidas nas fotografias ela está com batom de cor forte (vermelho e/ou vinho) nos lábios fazendo “biquinho”. Sempre procura exibir os seios (com grandes decotes), a boca com batom de cor escura e o bumbum, ao usar fio dental. Mas não exhibe o seu pênis,

pois ora põe as mãos sobre o seu membro, ora faz um truque para que não apareça (conhecido pelas travestis como “acuendar a neça”).

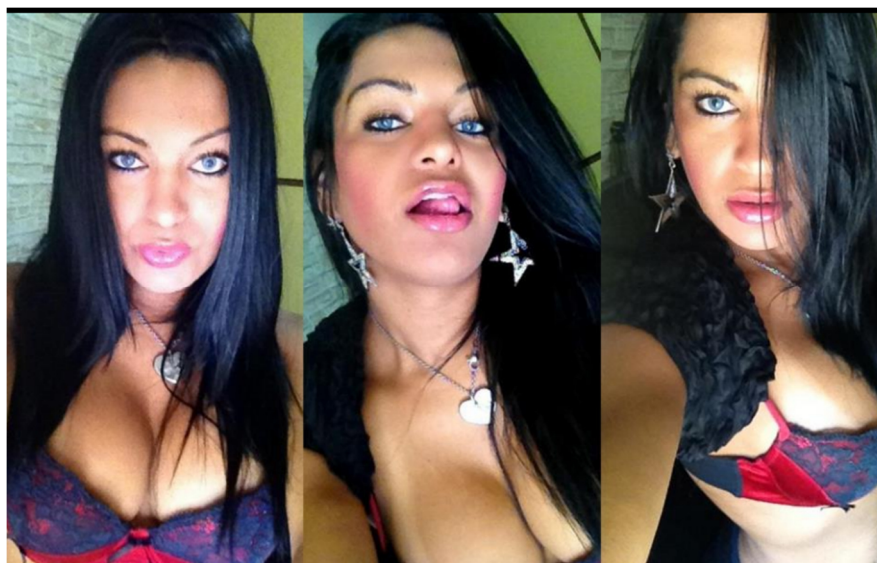


Fig.22-Ingrid Lemos “caras e bocas” - Disponível em:<https://www.facebookingrid-lemos> - Acesso em janeiro de 2016.

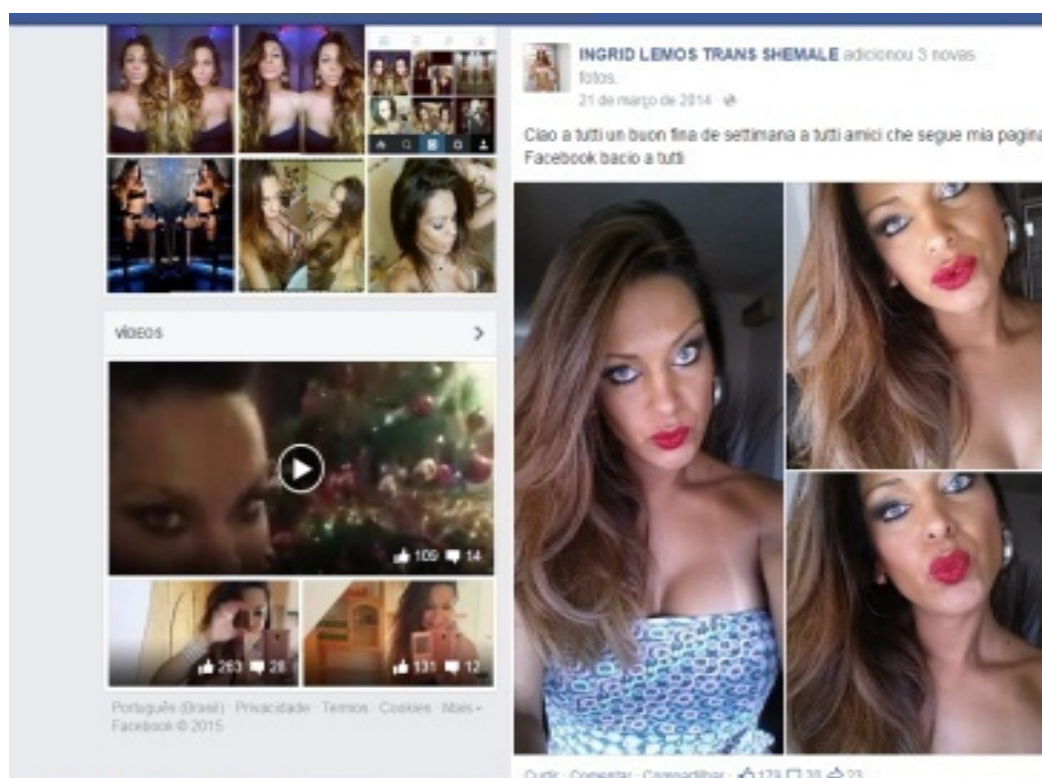


Fig.23– Ingrid Lemos “biquinhos” - Disponível em:<https://www.facebook.comingrid-lemos>- Acesso em janeiro de 2016.

Nas figuras 22 e 23 Ingrid faz biquinho para parecer ter uma boca carnuda. Além de mostrar a língua como uma forma de sugerir sensualidade.

Há vários tipos de comportamentos exibidos nas redes sociais, o Facebook é um tipo que se diferencia de outros tais como o estudado por Zago (2013) que é um site de relacionamento gay onde o corpo é mostrado por inteiro, principalmente o órgão genital dos participantes, porém, “as cabeças geralmente são recortadas, separadas, divorciadas de seus corpos” (ZAGO, 2013, p.90). Isso ocorre, porque elas representam algo que não deve ser mostrado para não pôr em dúvida a virilidade dos participantes:

Homens gays que mostram as faces nos seus perfis são imediatamente colocados fora do “armário” e, estando fora dele, têm sua virilidade automaticamente questionada. Estar fora do armário coloca-os em perigosa proximidade da efeminação e de outras características de feminilidade, como se o lado de dentro do “armário” estivesse para a virilidade na mesma medida em que o lado de fora está para a efeminação (ZAGO, 2013, p.95).

Ao contrário, Ingrid Lemos não precisa se esconder no armário, ela busca uma feminilidade e para tê-la nas suas imagens e chamar atenção dos outros/as membros/as, é necessário esconder o símbolo do universo masculino. Pois o rosto supõe o sexo e por isso precisa corresponder e confirmar o sexo do corpo, (ZAGO, 2013, p.95). De certo modo, como uma conexão que liga órgão genital ao rosto do indivíduo.

Na maioria das postagens, Ingrid sempre apresenta a sua imagem em fotografia ou em forma de vídeo (de pouca duração: um ou dois minutos). Só há fotos suas e não com amigo/a (s). Em todas as suas fotografias ela saúda os amigos de seu perfil, sempre em italiano: Buona notte a tutti amici/ Buongiorno amici, (tradução: Boa noite a todos os amigos/Bom dia amigos).

Na sua linha do tempo há o endereço do seu blog³⁴ que pode ser visto por qualquer pessoa. Nele há vídeos onde ela faz sexo oral e anal com homens além de exhibir seu pênis em ereção³⁵. Quando entrei no seu blog pela primeira vez perguntei-lhe sobre o mesmo, ela respondeu-me que nele os futuros clientes podem conhecê-la melhor, enquanto no facebook não seria possível devido à política de privacidade dessa rede social, que restringe o que pode ser mostrado do corpo.

³⁴Blog é uma simplificação da palavra weblog que corresponde às páginas da internet onde regularmente são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens e vídeos tanto para assuntos em geral quanto para assuntos específicos.

³⁵Cito o seu Blog apenas porque está em sua linha do tempo e por curiosidade visitei-o, não há interesse de descrevê-lo.



Fig.24: Ingrid Lemos capa do perfil do Facebook –
Disponível em: <https://www.facebook.com/ingrid-lemos-trans> Acesso em
Maio de 2015.

Na figura 24 Ingrid está nua, ela cobre o seu órgão genital com uma das suas mãos enquanto a outra está sobre os seus cabelos, mostrando as suas unhas pintadas de vermelho. Nessa foto, ela usa apenas uma meia calça preta acima dos joelhos e uma sandália de salto alto. O que chama atenção em suas fotos, nos comentários, é a forma como ela mostra e esconde partes do seu corpo. Em alguns momentos os/as usuários/as chamam atenção pela sua beleza, ora criam fantasias com essas partes escondidas. Mas de qualquer maneira, há os/as que elogiam a sua beleza se referindo a uma bela mulher. Tais comentários geralmente são de homens italianos e ela raramente interage com curtidas, mesmo as que são de elogios. Mas, em algumas publicações de fotos suas há usuários/as que comentam com palavrões dizendo que ela não passa de uma prostituta em forma de homem. Ingrid dificilmente retribui aos seus elogios, mas uma usuária brasileira comentou em uma foto sua dizendo que ela era “um homem ridículo com vagina artificial”. Como resposta Ingrid disse que não queria ter vagina e quem poderia julgá-la era Deus. Pois enquanto ela estava sendo criticada, na sua conta entrava Euro.

Geralmente há mais de 100 curtidas nas fotos e várias visualizações em seus vídeos postados. Em uma conversa com a mesma perguntei se exclui quem não compartilha, mas diferentemente dos outros perfis ela não se importa com tal atitude.

Percebe-se que o seu Facebook é uma espécie de cartão postal para atrair os clientes. Nesse espaço ela não expõe seu órgão genital e por ser uma prostituta, sabe-se que dentro do universo da prostituição travesti, o uso do órgão genital tem uma grande importância e valor para os clientes, (BENEDETTI: 2005; PELÚCIO: 2005). Ao perguntar em uma entrevista o que era o Facebook para Ingrid, ela respondeu que fazia parte do seu trabalho, pois a partir dessa rede social ela conseguia muito contratos sexuais. E que o Facebook serviria como uma interconexão para seu Blog, pois neste último podem-se postar fotos e vídeos do corpo “sem censura”.

Segundo Barthes (1987) a foto pornográfica se diferencia da erótica, porque esta última leva o espectador a imaginar que “não faz do sexo um objeto central” e isso é o que chama atenção de quem está observando, (BARTHES, 1987, p.89). A partir desse contexto, as poses de Ingrid provocam diversos comentários que “faz do sexo um objeto central” contrapondo-se com a ideia de fotos eróticas, segundo Barthes. Pois, a partir do punctum cada membro imagina e comenta aquilo que não vê. Ou seja, a ideia de se ter uma vagina por baixo da calcinha que Ingrid usa. De acordo com os comentários, a imagem refere-se a uma mulher sensual.

Conforme Ingrid afirma, seu Facebook é usado para fins da sua profissão por isso não tem pessoas da sua família adicionadas. Segundo ela a sua mãe sabe da sua profissão e a respeita sem conflitos, porém evita falar sobre o assunto.

3.4 Perfil 4: Karla Houston

Karla Houston tem 47 anos de idade, é técnica de enfermagem, solteira e residente em João Pessoa.

Há quatro anos Karla exerce a profissão de técnica em enfermagem num hospital público pediátrico da cidade de João Pessoa. Antes de exercer essa profissão ela era revendedora das revistas Avon, Demillus e Natura, além também

de fazer “bicos” (pranchava, escovava ou pintava cabelos) nos salões de beleza de algumas colegas ou até mesmo na residência das clientes quando solicitada. Algumas vezes aplicava injeções a domicílio e verificava a pressão arterial de idosos que moravam próximos à rua em que a mesma residia. Essas pessoas assistidas por Karla davam-lhe uma pequena quantidade de dinheiro como uma maneira de agradecimento. Mas, para ela, todo esse esforço era pouco para suprir as suas necessidades e por isso almejava por um emprego que pudesse dar-lhe a garantia de ter um salário certo no final do mês. A falta de emprego tinha uma relação com o preconceito que se apresentava como um grande obstáculo, pois desde a sua adolescência sofria com o preconceito na escola, o que persistiu também na fase adulta da sua vida. Mesmo sabendo das dificuldades que iria enfrentar ela concluiu o seu ensino médio e logo depois o curso técnico de enfermagem.

Antes de adicioná-la no Orkut e depois no Facebook eu já tinha visto Karla por diversas vezes subindo e descendo a ladeira que dá acesso à casa e ao salão da minha tia. Era comum no período da manhã ou no final da tarde quando o sol já não estava tão forte vê-la com as revistas em uma das suas mãos caminhando pelas ruas do bairro onde mora. Nessa época, no início do ano de 2006 eu não falava com ela, apenas ouvia comentários sobre as revistas que vendia e seu trabalho relacionado à aplicação de injeções e verificação da pressão arterial.

Quando iniciei a minha graduação na universidade em 2007, eu ainda não tinha a ideia do tema do meu TCC, em um primeiro momento, no segundo semestre do curso, passei a pesquisar os índios potiguaras da aldeia São Francisco, no Litoral Norte da Paraíba, próximo ao Campus IV onde eu estudava. A partir da disciplina ministrada pela professora Silvana Nascimento, já foi elaborada a introdução dessa dissertação, pois passei a estudar as questões de gênero, mas especificamente as pessoas que se identificavam como travestis. Então, quase no final do meu curso, em 2011, decidi incluir Karla na minha pesquisa. Para conseguir uma aproximação com ela, passei a ser cliente de suas vendas, eu pegava as suas revistas com a minha tia e realizava os pedidos. Em uma conversa com a vizinha da minha tia, sobre os produtos que Karla vendia, ela revelou que desde criança Carlos tinha um “jeito afeminado” e que trocava os carrinhos que ganhava do pai para brincar com as bonecas da sua irmã.

Certo dia, por telefone, perguntei à Karla se ela poderia participar como uma das interlocutoras do meu trabalho de TCC que tinha por objetivo pesquisar a sociabilidade das travestis na cidade de João Pessoa. Disse também que caso ela não quisesse poderia ignorar a ligação, que tudo seria como antes e eu continuaria sendo cliente das suas revistas do mesmo jeito. Para minha felicidade ela aceitou sem problemas e respondeu-me que poderia falar um pouco sobre sua história de vida.

O nosso primeiro encontro se deu no salão de beleza da minha tia que está localizado próximo a sua residência. Ela foi pontual e chegou no horário que marcamos, como sempre segurando em uma das suas mãos as revistas e na outra o aparelho de verificar pressão arterial dentro de uma sacola de plástico. Pedi pra que ela sentasse para que pudéssemos conversar. Assim que se sentou respondeu-me a uma pergunta que era visível em todos os perfis do Orkut: Quem sou eu? A partir desse momento comecei a acompanhar as suas postagens nessa rede social, mas não obtive muito êxito para minha pesquisa, pois eu pesquisava a sociabilidade travesti e o local que escolhi foi a Vogue-JP (Já exposto na introdução) e ela não frequentava essa boate, nem tão pouco as festas no centro histórico da cidade de João Pessoa. Mesmo assim, continuei meu contato com Karla pelo Orkut e depois a adicionei no Facebook. No seu álbum do Orkut havia muitas fotos suas de biquíni e calcinha fio dental. Em suas poses, dava para perceber que Karla procurava sempre uma posição que pudesse mostrar o seu “bumbum” com o fio dental. Ela procurava tirar fotos em cima da cama, na praia ou na sala da sua residência em posições “de quatro” e de fato ela recebia inúmeros comentários na rede, ora pornográficos ora eróticos. Não eram comentários do tipo: você é linda, mas comentários em que os usuários descreviam suas fantasias sexuais e/ou pediam seu número de telefone para marcar um encontro.

Já no andamento da pesquisa para esta dissertação marquei um encontro com Karla no bairro onde ela mora. Para minha surpresa, ela me entregou seu álbum de fotografias e assim que recebi comecei a folheá-lo. Dava para perceber que esse álbum estava desgastado pelo tempo, com uma cor um pouco amarelada. Pensei que as suas fotos das redes sociais fossem as que ela gostaria de me mostrar. À medida que fui observando seu álbum de fotografias perguntei a ela

quem eram as pessoas que estavam ao seu lado nas fotos e quis saber também sobre as fotos nas quais ela se encontrava sozinha, porque não era possível identificar que era ela que estava ali retratada, devido a grande transformação física que sofreu. Observando seu álbum de fotografias não era possível saber quem era Karla, pois ela vestia roupas “masculinas” e usava os cabelos curtos, contrastando com as suas características atuais.

A cada foto apresentada nesse seu álbum, Karla descrevia como era seu corpo no passado e como desejava que fosse. Do mesmo modo, ela se referia ao seu cabelo e assim podia-se perceber que sua transformação física foi realizada aos poucos. Contou-me sobre todas as etapas de transformação, desde o momento em que decidiu contar aos seus pais sobre o desejo de ter um namorado, passar a usar roupas do vestuário feminino, até o de transformar o seu corpo por meio de hormônios. Esta decisão não foi de fácil aceitação por seus familiares. Atenta as suas fotografias, ela mexia nos seus cabelos e descia a saia para não parecer tão curta. Com muita simpatia apontava para as fotos detalhando os lugares e as pessoas que estavam ao seu lado.

De acordo com Kossoy (2002) o ato de guardar as fotografias de um tempo congelado no passado é uma maneira de recordar as trajetórias vividas ao longo da vida.

Apreciando essas imagens, “descongelam” momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos, circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou o retratista têm sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o start da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim da narrativa dos fatos e emoções (KOSSOY, 2002, p.138)

Para esse autor a fotografia pode ter duas faces, a de contemplar uma investigação histórica ou ser uma recordação pessoal. No caso do álbum de Karla, a importância do passado não está apenas no conhecimento do que ocorreu, mas na influência desse passado no seu presente. Estas fotografias presas umas as outras contam a sua história de vida a partir das suas narrativas. Nesse contexto, Karla recorda o seu passado não só através da sua memória, mas também por meio de fotografias guardadas num álbum.

Interessante ressaltar que nesse álbum as fotos estavam organizadas numa sequência cronológica de “Carlinhos a Karla Houston”. De acordo com Pelúcio (2005) “ser travesti” é construir um corpo, “é um processo, que nunca se encerra” (PELÚCIO, 2005, p.98). Podemos pensar o álbum de Karla a partir das etapas que a autora, mesmo que de maneira estruturante, descreve em sua construção sobre como se tornar uma travesti. Desse modo, a primeira etapa refere-se ao momento em que o indivíduo assume para os seus familiares e a sociedade a sua orientação sexual; na segunda, o mesmo usa roupas femininas apenas nos momentos de lazer ou à noite, na terceira considera-se a fase da transformação quando se inicia a ingestão de hormônios e por fim, a quarta e última etapa refere-se a quando já se é travesti. Parece ser uma receita culinária, e embora nesse caso seja aplicável às etapas que passou Karla Houston não se poderia dizer o mesmo do perfil descrito anteriormente³⁶. Nas primeiras fotografias Karla usava bermuda jeans, blusas regatas, cabelo curto e não estava maquiada e ainda não assumia a sua nova identidade de “Karla Houston”. Apenas entre seus amigos mais próximos que se autoidentificavam como homossexuais e/ou travestis, ela era chamada como pertencente ao gênero feminino. Enquanto o seu vestuário pertencia ao “sexo masculino”, as suas poses tais como: agachada próxima a roseiras, mão no queixo fazendo biquinho, mãos na cintura com o rosto de lado ou com gestos delicados, se referia ao que Karla reconhecia como uma alma feminina dentro de um corpo que não lhe pertencia.

De acordo com Justa (2006) para se transformar numa borboleta (travesti) é preciso ter sido um casulo (gaysinho) no passado. Percebe-se que o processo que Karla apresentou a partir dessas fotografias remete as etapas que Pelúcio classificou como sendo comum para a construção da identidade travesti. Pois desde criança ela queria usar as roupas das suas irmãs, mas não podia porque o que lhe era permitido em casa era brincar com seus irmãos de carrinho:

Sempre era assim, eu gostava de limpar a casa, brincar de casinha com as minhas irmãs e pegar as bonecas delas para cuidar como se fossem as minhas filhas. Mas meu pai só comprava carrinhos para mim e isso era uma tortura na minha vida, eu já gostava de uma coisa que não me pertencia (Entrevista a Karla pelo Messenger do Facebook em fevereiro de 2016)

³⁶Voltaremos a esse ponto no subitem 3.5 que inclui uma análise geral sobre os quatro perfis.

No final de seu álbum, a Karla retratada já havia se transformado, e ao perguntar a ela por que guardava essas fotos, ela respondeu que essas imagens faziam parte do seu passado, (que mesmo desejando não ter o corpo com que nasceu) hoje se sentia feliz por assumir a sua verdadeira identidade e poder trabalhar como uma pessoa qualquer. Para Karla, trabalhar na área de enfermagem é um orgulho, mesmo que sofra um pouco de preconceito no seu trabalho. Segundo ela, as dificuldades estarão em qualquer ambiente de trabalho, quanto mais quando se trata de uma pessoa que não se comporta conforme o que se espera a sociedade a qual está inserida.

De acordo com Karla, a transformação do seu corpo se deu aos poucos, primeiro começou a tomar anticoncepcionais, a usar roupas mais coladas no corpo e depois injetou silicone para ter seios. Deixou o cabelo crescer e passou a ter cuidado com as unhas e com os pelos do corpo. Com o passar dos anos, afirma que as pessoas do bairro onde ainda reside passaram a aceitá-la como Karla e não mais como Carlinhos devido à nova imagem construída.

Ao ser questionada sobre a sua profissão em uma entrevista, Karla aponta para o fato de que no curso de enfermagem em que estudou não sofreu tanto preconceito porque nessa área da saúde há uma quantidade enorme de homossexuais e travestis exercendo a profissão. Segundo Coelho (2005) a enfermeira surge como uma maneira de representar a mulher, “a mãe” que cuida dos seus filhos, papel esse reservado para as mulheres no século XIX. Nesse contexto, essa profissão foi construída culturalmente como uma prática sexuada feminina que tinha como base a arte de ser enfermeira e o seu instinto materno bastante aguçado apenas na mulher (COELHO, 2005), assim como a assistência social.

Até hoje essa profissão é constituída por um número maior de mulheres, apesar de já se ter homens também exercendo a função de técnico de enfermagem nos hospitais. De qualquer modo, os símbolos que representam essa profissão é geralmente uma boneca vestida de branco, cabelos compridos e coloridos com chapéu com uma cruz vermelha. Segundo Karla, quando entrou no curso de enfermagem percebeu que era um ambiente com um número maior de mulheres e que devido a esse fato sofreria menos preconceito.

Na página do Facebook de Karla predominam fotos suas com a roupa do seu trabalho ou imagens com texto sobre a enfermagem, segundo ela, o seu tempo é dedicado a sua profissão. Nas fotos que estão na capa e no perfil do Facebook, Karla está maquiada e com as roupas que veste no hospital. Em seus álbuns do Facebook há uma pluralidade de fotos que ela publica. Percebe-se que Karla não publica com frequência na rede social, mas quando publica fotografias, as imagens correspondem a uma pluralidade de fotos num mesmo tempo e espaço, com poses e performances corporais diferentes.

Percebe-se que o cenário onde são exibidas as fotografias das figuras 25 e 26 evoca uma performance profissional em um hospital. Não só por causa das roupas brancas, mas pelo material visual que compõe e dá sentido ao ambiente. São inúmeros conteúdos simbólicos que se referem ao gênero ao qual ela pertence, as unhas pintadas, as mãos nos cabelos, o jeito de se sentar, a cor do seu jaleco (branco com detalhes lilás e com bordado usado apenas pelas enfermeiras desse hospital). E também a sua profissão, as roupas que são usadas por profissionais da saúde. Conforme Kossoy (2002) o conceito de fotografia tem uma conexão muito forte com a ideia de realidade para o senso comum. É nesse contexto que ao relacionar o discurso de Karla sobre o seu trabalho com as imagens postadas no seu Facebook, percebemos que ela demonstra que por ser travesti, não se encontra na marginalidade como tantas outras travestis que ela conhece. Pois a junção entre o cenário (hospital e sua mobília) e a fachada (sua roupa e jalecos brancos)³⁷ comprovam a profissão a qual ela pertence, a de técnica de enfermagem.

³⁷Segundo Goffman o cenário é composto pela mobília, pela disposição física que compõe o pano de fundo do mesmo enquanto a fachada compreende ao equipamento expressivo empregado pelo indivíduo durante a sua performance (GOFFMAN, 1985, p.29).



Fig.25: Karla Houston no ambiente do trabalho I - Disponível em:<https://www.facebook.com/karlhoustonphotos>- Acesso em março de 2016.



Fig.26: Karla Houston no ambiente do trabalho II - Disponível em:https://www.facebook.com/karla.houston.5/photos_albums: Acesso em março de 2016.

São raras as suas saídas, por isso Karla quase não posta fotografias em lugares fora do seu ambiente de trabalho. Na maioria das fotos dos seus álbuns do Facebook, ela encontra-se num mesmo ambiente, mas com poses diferentes (Fig.27).



Fig.27 :Disponível em: https://www.facebook.com/karla.houston.5/photos_albums:Acesso em março de 2016

Na maioria das suas poses, Karla inclina o corpo de lado, colocando as mãos sobre as pernas, ou na cintura, até quando está sentada. O ato de colocar as mãos no joelho e “empinar a bundinha” são passos de uma dança sensual baiana e também fazem referência a uma coreografia do funk carioca. Desse modo, esta pose passou a ser copiada por muitas pessoas (que se identificam como pertencentes ao gênero feminino) quando estão sob a mira do *clic* de uma câmera fotográfica. Assim podemos também comparar algumas poses de Karla com as da cantora de funk carioca Valeska Poposuda (Fig.28), que exibe um sobrenome que já remete a questão de ter um “bumbum” grande, não só em suas coreografias, quando está dançando, mas fora desse contexto, ela posa em algumas imagens na internet, muito semelhantes as performance que Karla desenvolve no Facebook.



Fig.28:Valeska Poposuda: Disponível em: <https://www.google.com.br> Acesso em maio de 2016.

Tanto no palco quando está dançando, Valeska Poposuda coloca as mãos no joelho ou na cintura e/ou inclina o corpo e assim “empina a bundinha”. Conforme Schechner (2012), a performance emerge da necessidade de se “transformar em um outro” e “ter prazer em ser você mesmo” (SCHECHNER,2012,p.83). Nesse contexto, tanto as travestis quanto as pessoas que não se consideram como tal, exibem poses parecidas, as quais surgem com a ideia de apresentar uma identidade com o próprio corpo. Neste caso, a ideia é representar uma mulher sensual, com um glúteo grande e que chama atenção por onde passa.

Nem sempre há legenda nas fotos de Karla no Facebook com frases ou informando o local onde ela está. Há apenas uma fotografia que era do seu Orkut e que depois ela publicou no Facebook. Nesta foto, (fig. 29), ela está segurando a ponta do seu vestido, com uma leve maquiagem, os cabelos são negros, soltos e cacheados. O cenário é a sala de sua casa. Ela não olha para quem está fotografando, apenas fixa o olhar para baixo e se deixa ser fotografada. Em uma entrevista, Karla afirma que gostava muito dessa foto porque representa a simplicidade e a naturalidade feminina.



Fig.29 :Karla Houston orkut - Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=310436279075837&set=a.274120156040783.6340000&type> Acesso em dezembro de 2015.

Diferentemente do seu Orkut que possuía muitas fotos onde ela estava com lingerie e fotos de biquíni, Karla afirmou que hoje está mais velha e isso requer uma postura diferente da que ela tinha antes no Orkut. Além disso, precisa preservar a sua imagem no ambiente de trabalho, pois grande parte dos/as membros/as adicionados/as no seu Facebook são colegas de trabalho.

Em relação a sua família percebe-se que Karla quase não publica sobre seus irmãos e pais. Há algumas publicações de fotografias dos seus sobrinhos que ela comenta com palavras de carinho e afeto. São comuns publicações de imagens, textos ou vídeos que dão importância à família e a religiosidade na sua vida. Em um post seu do ano passado (2015), ela criticou a performance de uma modelo transexual que encenou a sua própria crucificação como Jesus Cristo. Para Karla isso foi um ato de desrespeito por parte da transexual: *“Não sou a favor desse tipo de coisa até porque ela nasceu homem e não tem o direito de querer ser mulher a força, a gente se parece, mas, não é. Gosto das coisas certas sabe? E isso não foi”* (Entrevista com Karla pelo Messenger do Facebook em janeiro de 2016). Em outra publicação, ela apóia o discurso de uma travesti que se manifesta a favor da não oficialização do casamento gay e da adoção de crianças por pessoas do mesmo sexo.

Quando compartilha algo na sua linha do tempo, a irmã de Karla não se refere a ela como os/as outros/as usuários/as. Para sua irmã ela continua sendo Carlinhos e por isso quando se refere a Karla, a chama de “irmão”. Há também alguns comentários de usuárias que não a chamam pelo seu nome social. Percebe-se que ela aceita sem nenhum conflito e responde naturalmente agradecendo aos comentários. *“Porque achar ruim? Se Deus me fez homem e hoje eu sou travesti, tenho que reconhecer isso, para algumas pessoas mais velhas é difícil aceitar essas coisas”* (Entrevista com Karla pelo Messenger do Facebook em janeiro de 2016).

De acordo com esse perfil, bem diferente do primeiro e do segundo, Karla não defende certas atitudes da comunidade LGBTTT no que diz respeito à religiosidade. Ela quer ser respeitada como é, mas se reconhece como pecadora diante os olhos das pessoas religiosas.

3.5 A relação entre os perfis

Em cada um dos quatro perfis apresentados acima, podemos nos ater à heterogeneidade de imagens e representações que eles transmitem. A partir do que postam esperam comunicar significados que divergem entre si. Há alguns elementos presentes nos quatro, como a busca pela beleza feminina, a vaidade e o rigor de comprovar uma linha divisória entre o homem e a mulher. Elas se autoafirmam travestis tanto nas redes sociais quanto fora do ciberespaço. A partir das fotografias que postam, procuram transmitir um pouco suas características que ora divergem, ora se assemelham entre si.

Apenas no perfil de Thuane há o uso de algumas gírias que pertencem ao dicionário gay e que algumas travestis também utilizam, tais como: “acué” (dinheiro), “bafão” (escândalo), “passada” (perplexa) “fechação” (chamar atenção). Nos outros perfis podemos encontrar também algumas dessas gírias, mas por parte das pessoas que estão comentando as publicações e não por parte das interlocutoras.

O modo que elas procuram se apresentar nessas imagens faz referência as “divas” que elas admiram e que povoam o imaginário feminino formado no consumo em massa de filmes e publicidade da sociedade de consumo moderno. É o caso das performances corporais como “fazer biquinho” (expressão para dar ideia que tem “a boca sensual” da atriz estadunidense Angelina Jolie), “mãos no joelho e empinar a

bundinha” (passo de uma dança sensual baiana), “cabelos ao vento” (efeito utilizado por algumas cantoras famosas, por exemplo, Beyonce, Lady Gaga, Britney Spears entre outras para dar movimento aos cabelos no palco ou para pousar em fotos) e as poses “sensuais” características das “mulheres desejadas” pelo público masculino. De qualquer modo, o “parecer ser” com essas “divas” nas fotografias tem o sentido de criar uma performance de um feminino possível. Essas interlocutoras ao representarem no Facebook não querem imitar ou copiar uma mulher apenas. A partir do proposto por Butler, o gênero é uma identidade mantida pela repetição e duplicação. Desse modo, mesmo partindo de um repertório de símbolos do que é ser feminino, o gênero da identidade travesti não é simplesmente uma performance no sentido de ação teatral que escolhem para encenar, o que as travestis representam é um ou até vários “femininos”, que elas constroem e recriam, ao usar suas fotografias como autorepresentação de suas identidades.

As imagens são produzidas por elas, que em frente a um espelho tiram suas fotografias e postam para que outras pessoas possam comentá-las (Fig.30, 31, 32 e 33).

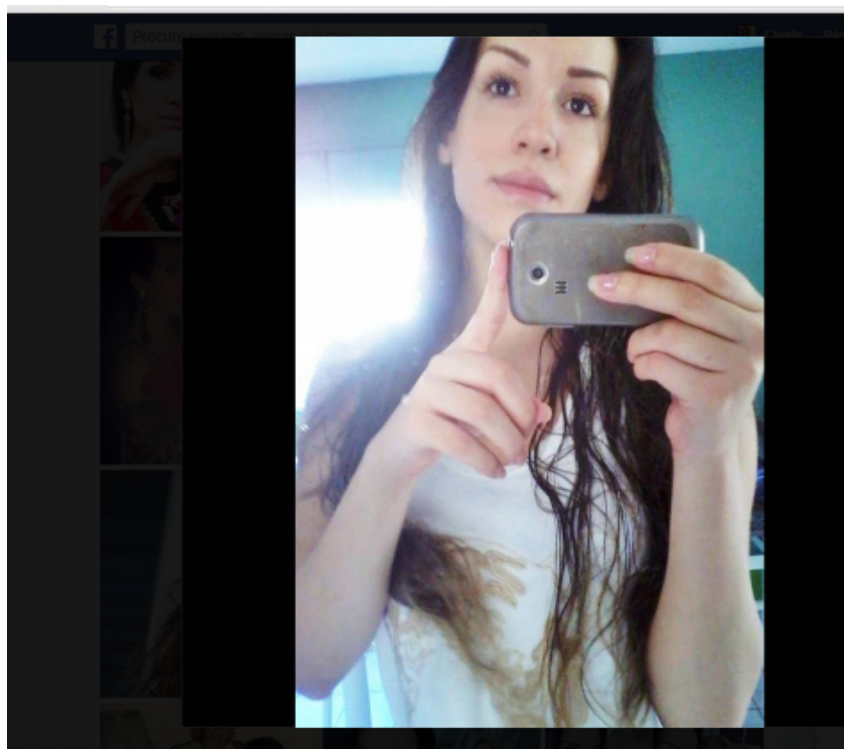


Fig.30: Selfie de Yasmin Limah Disponível
<https://www.facebook.com/yasminlimahflor> Acesso:Jul2015.

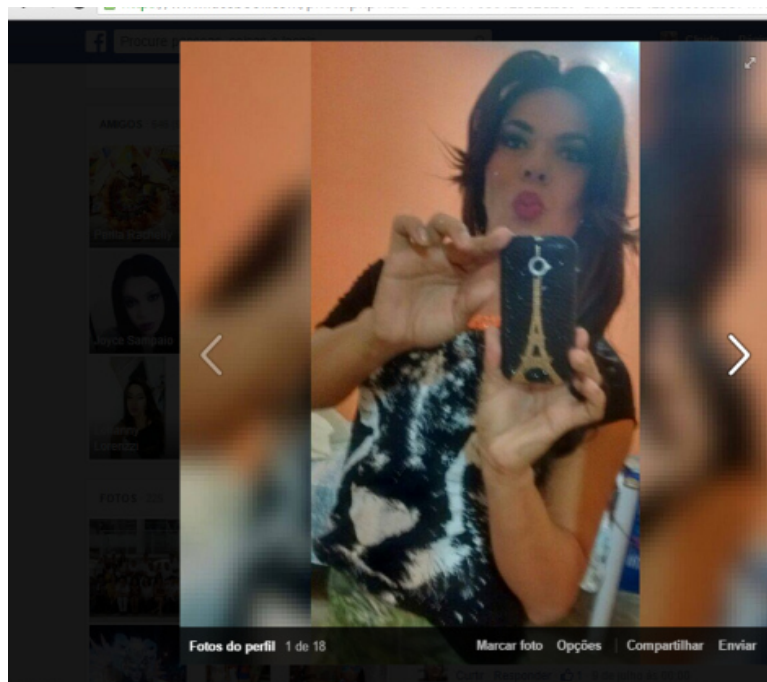


Fig.31: Selfie de Thuane Aylla - Disponível em:
<https://www.facebook.com/thuanef> Acesso em Julho de 2015.

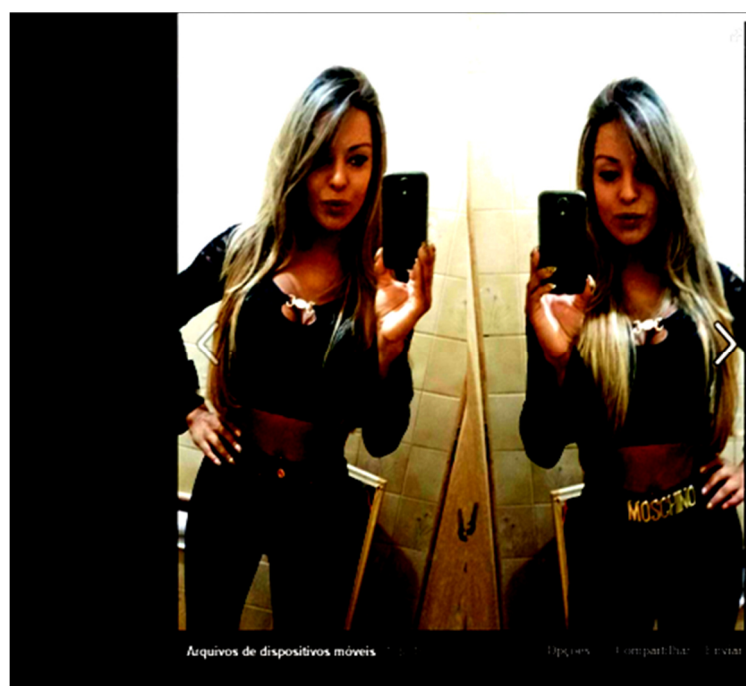


Fig.32:Selfie de Ingrid Lemos - Disponível
em:<https://www.facebook.com/INGRID-LEMOSS-TRANSSHEMALE-181/timeline/>Acesso em maio de 2015.



Fig.33: Selfie de Karla Houston - Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=727851130667681112510932201707.12885.100003284030230&type=Acesso> em março de 2016

Nos perfis de Yasmin Limah, Karla Houston e de Thuane Haylla os comentários não correspondem apenas ao impacto de imagens de sensualidade e se afastam totalmente do perfil de Ingrid Lemos. Geralmente nesses primeiros perfis contém comentários com elogios à beleza e à estética feminina como Linda! (...) Divando! (...) Arrasou! (...).

De acordo com Victor Correia (2014), o corpo como operador social pode estar em um lugar de conformação e/ou de confrontação social. Para esse autor, o indivíduo marca o corpo por diversas intenções que podem ser por rebeldia; por emancipação; por dissidência ou como reflexividade transformadora. O ato de Thuane Aylla não fazer o uso de hormônios e/ou silicone representa o medo da não aceitação “de um corpo afeminado” pelo seu meio social. Esse ato de dissidência reproduzida pelas travestis atribui uma identidade “singular, autêntica e emancipada” (CORREIA, 2014, p.425) a partir de suas transformações corporais.

Para Thuane Haylla o Facebook é um meio pelo qual os membros devem manter uma interação, pois sem essa condição não se faz necessário tê-los como amigo/a (s):

Me sentindo cansada de algumas pessoas... Excluí várias pessoas e muitas solicitações. Não às conheço, e quando aceito, nem se quer conversam ou se posicionam em relação à algumas postagens que publico, para que devo aceitar mesmo? Para mostrar que tenho muixsamigxs? Me poupe, sou do tipo que o importante é QUALIDADE e não quantidade. Bjinhos. (Publicação na linha do tempo de Thuane Aylla em outubro de 2015)

Nessa rede social são as trocas simbólicas que mantêm a sociabilidade entre os/as usuários/as. O objetivo de cada um é expor um pouco a sua forma de “estarem inseridos lá” e esperar dos outros uma resposta para suas atividades. A interatividade, autonomia, registro e memória são algumas das características dessa nova forma de relacionamento mediada por computadores.

Para alguns/algumas usuários/as, “ser amigo/a” no Facebook é ter que receber curtidas, comentários, ser lembrado/a para não excluir, pois, a lógica consiste numa relação de “trocas” entre os usuários. É a circulação de “elogios e/ou críticas”, curtidas e exclamações que mantêm a sociabilidade entre os membros dessa rede social.

Essa lógica de interação no Facebook “consiste em dar, da parte de uns, e de receber, da parte de outros, os donatários de um dia sendo os doadores da vez seguinte” (MAUSS, 1974, p.215). De acordo com Yasmin Limah, há uma necessidade de excluir, “fazer uma limpeza” daqueles/as que fazem parte do círculo de amigos do Facebook, porém que não “comentam nem curtem” e por isso passam a ser considerados como meros “enfeites” que devem ser “excluídos”. Conforme segue abaixo:

Como toda sexta-feira posto quantos se foram ao decorrer da semana... Excluídos nesta semana 16, ao total 36 Waving Goodbye To Decorations (Publicação na linha do tempo de Yasmin Limah em dezembro de 2015).

No caso de Yasmin, compreende-se que há um tipo de obrigação que se realiza em três momentos (dar, receber e retribuir), pois quem não participa das trocas dos comentários e curtidas, passa a ser visto como alguém que não se importa com os membros e por não haver essa reciprocidade “a amizade virtual torna-se inviável”. Outro motivo para ser “excluído”, segundo Yasmin Limah, é quando ela se encontra com um membro fora do “ambiente virtual” e esse não a cumprimenta. Esse comportamento pode ser interpretado como uma ofensa:

Não tem pq e nem pra que eu ter algumas pessoas em meu face que ao me ver na rua, finge que não me viu, ou de alguma forma sente vergonha de falar comigo, ou seja, não falam ou quando falam a gente sente aquele

enorme oceano de falsidade! Estou definitivamente me afastando de pessoas assim... E não preciso de pessoas assim em meu ciclo de amizades! ME AFASTANDO DE ENERGIAS NEGATIVAS
Já se foram 55 excluídos. E ainda virão mais, estou fazendo lentamente!!!
(Publicação na linha do tempo de Yasmin Limah em novembro de 2015)

A sua condição de ser “travesti” corresponde à infração de uma regra imposta pela sociedade, situando-a fora do círculo dos membros “normais” do grupo (BECKER, 2008). Yasmin Limah exclui por não aceitar ser ignorada (fora das redes sociais) por outras pessoas que “sentem vergonha de falar com ela”. Nesse sentido, para Yasmin isso ocorre porque através da internet é mais fácil se comunicar com uma travesti, mas fora desse meio virtual, muitos sentem vergonha e apenas ignoram a amizade. De qualquer modo ela sofre o estigma de ser “diferente” diante dos olhos de algumas pessoas, e que de acordo com a sociedade tradicional a regra é de que o gênero deve combinar com o sexo biológico em termos da sexualidade. De acordo com Benedetti (2000) o gênero das travestis é algo fluido, híbrido, pois a ideia do feminino e do masculino para elas é algo diferente do convencional.

De acordo com a profissão dessas interlocutoras percebe-se que Karla e Thuane possuem uma similaridade em suas profissões no que se refere à divisão de gênero. Tanto a enfermagem quanto o serviço social surgiram num contexto de uma sociedade patriarcal onde a mulher era submissa ao marido em casa, e fora desse ambiente também deveria respeitar a figura masculina. De certa forma, nessa época a emancipação da mulher para trabalhar significava apenas uma extensão da sua vida privada. Se fosse assumir a profissão de enfermeira teria que obdecer ao médico e cuidar dos pacientes por ser mulher, mãe e protetora. E quando se refere ao serviço social cabia a esta profissional também ter afeto pelo próximo, assistir aos necessitados e protegê-los, papel este, que apenas se destinava a mulher.

Estas duas profissões por muito tempo foram exclusivas do universo feminino, e mesmo que hoje se tente mudar essa concepção, a sociedade ainda rotula as pessoas direcionando-as para as profissões que devem assumir. De certo modo, na engenharia mecânica, elétrica, produção mecânica e etc. e trabalham um maior número de indivíduos do sexo masculino. Enquanto nas áreas de estética e beleza, enfermagem, assistência social, pedagogia e etc. há uma quantidade maior de mulheres que têm o interesse em ingressar nessas profissões. Parece interessante comparar essas profissões que passam a simbolizar a separação entre os dois

sexos: meninos gostam de carro, moto, automação (a rua) e as meninas de boneca, ser professora, saber ter cuidados com a beleza, proteger as pessoas (o ambiente familiar). É desse modo que a sociedade procura enfatizar e impor o caráter doméstico e nutricional às mulheres enquanto o empreendedorismo e a força aos homens e assim transmite mensagens sutis sobre masculinidade e feminilidade que se aplicam até à escolha de uma profissão.

Notamos alguma dessas referências ao imaginário feminino e na foto do perfil de Ingrid fantasiada de enfermeira de maneira ousada com peças íntima (calcinha fio dental e sutiã), com o dedo indicador nos lábios pedindo silêncio. Já Karla na foto do seu perfil está vestida com seu uniforme de trabalho que simboliza responsabilidade, respeito e compromisso: *“Sempre gostei de cuidar das pessoas, sou uma mãezona para todos e essa profissão tem um pouco disso”* (Entrevista com Karla Houston pelo Whatsapp em maio de 2016). Mas ao mesmo tempo notamos a condição liminar da travesti, quando Ingrid brinca com sua roupa de enfermeira que segundo ela representa um fetiche sexual: *“Eles gostam de ver a gente assim vestida de enfermeira, é coisa de fantasia sexual, os homens gostam de ter uma mulher submissa”*. (Entrevista com Ingrid pelo Messenger do Facebook em março de 2016).

Para o senso comum ser travesti está ligado ao discurso da marginalidade, prostituição, usuários de drogas, DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e AIDS. De certo modo, a profissão que Ingrid escolheu encontra-se à margem do meio social em que ela está inserida. Por mais que Karla, Thuane e Yasmin tentem de qualquer maneira se afastar da marginalidade, elas não deixam de sofrer preconceito por assumirem a identidade travesti. Notamos que no Facebook, esta condição marginal da travesti ganha um novo espaço de experimentação e identificação, onde a performance a partir do uso da fotografia contribui para um processo de enunciação de uma identidade híbrida, entre o masculino e o feminino.

Desconectando-se da rede...

A partir do diálogo com as interlocutoras dessa pesquisa, percebe-se que para assumir a identidade travesti não é necessário injetar silicone no corpo, ser mulher 24 horas por dia, ou seja, não há uma fórmula única para explicar o que é ser travesti. Há sim diferentes possibilidades de construções de seus femininos que podem se manifestar de formas variadas.

No Facebook percebe-se que o modo de tratar as pessoas ocorre geralmente por meio da cordialidade. Pois fora dessa rede social as interlocutoras dessa pesquisa se tratam como “ô bicha e/ou ô viado³⁸” e isso é tratado de forma natural entre elas. Mas já no Facebook esse modo de chamar uma à outra não ocorre, pode até ocorrer, mas apenas quando há uma maior intimidade entre elas. Desse modo, elas mantêm as suas posturas e articulam suas imagens de acordo com a representação que pretendem manter.

Para ser reconhecido nesse “espaço” é necessário compartilhar, ou seja, estar em interação, respeitando as regras que esse ambiente ou qualquer outro possui. Como todo espaço, as regras são impostas e no caso do ciberespaço não é diferente, utiliza-se no mesmo a netiqueta³⁹ que passa a ser seguida pelos/as usuários/as (RIFIOTIS, 2010). Tais regras quando não são obedecidas podem acarretar a exclusão do/a usuário/a. Desse modo podem-se destacar algumas regras que as interlocutoras dessa pesquisa não aceitam: falar algo desagradável (cantada com palavras depreciativas) através do Messenger do Facebook; a não participação das publicações postadas ou não cumprimentar o/a amigo/a (fora da rede social). Nesse sentido, a exclusão do/a membro/apode ser de maneira sigilosa ou vista por outro/a (s) membro/a(s) na própria linha do tempo, de uma maneira em que todo/as tenham conhecimento do ocorrido e assim expressem suas opiniões para tal infração. Em um diálogo entre Yasmin Limah e um usuário que a tratou como uma garota de programa fez sentir-se ofendida. Ela depois de “copiar e colar” a conversa publicou na sua linha do tempo, para que o/a (s) membro/a (s) tivessem também acesso ao perfil da pessoa que a ofendeu.

³⁸Ambas as palavras são sinônimo de homossexual.

³⁹Corresponde ao conjunto de regras de bom senso que promovem uma melhor convivência nas redes sociais.

A estigmatização que as travestis sofrem ocorre porque seus comportamentos diferem do sexo biológico conforme a sociedade, em que estão inseridas, impõe aos indivíduos. O fato de possuírem os órgãos sexuais masculinos e introduzem hormônios, silicone resulta num feminino que para o senso comum corresponde a uma “desorganização”. Desse modo, se traduz em impureza, um duplo sentido, é algo que contraria as normas. Segundo Mary Douglas (1991), “a impureza é essencialmente a desordem” (p.17). É esta ausência de ordem, esse código que precisa ser decifrado que as coloca à margem da sociedade. De fato, o poder “*começa no corpo*”, é a partir dele que as regras, as ordens e as sanções são (re) produzidas na sociedade (FOUCAULT, 1984).

É importante perceber que não há uma padronização no que se refere aos corpos das travestis pelo fato de algumas implantarem silicone ou tomarem hormônios femininos e de não fazer o uso de nada externo a seu corpo. Ou apenas “se montam” (quando possível) com os acessórios que compõem o vestuário das mulheres. Mesmo sem hormônio e silicone, elas ainda não se adéquam ao padrão dito e imposto para o corpo das pessoas que ao nascer foram registradas do sexo masculino. Pensar o que é ser travesti, o que é ser homem ou o que é ser mulher pode nos levar a vários significados que vão além do sexo biológico ou do gênero. Cada vez que as pessoas criam as categorias e tentam organizar as pessoas dentro delas, mais diferenciações ou “não enquadramento” vão surgindo. Desse modo, as interlocutoras dessa pesquisa amanhã ou depois podem se autoidentificar com outras identidades de gênero diferentes das que se identificam hoje. Quem hoje é uma travesti, amanhã pode ser transexual e vice versa ou outra categoria qualquer.

O intuito dessa pesquisa foi contribuir para uma reflexão sobre a autoimagem das travestis no Facebook. Ou seja, uma maneira de explicitar como em certos momentos, elas se aproximam ou se distanciam, se encontram dentro ou estão fora da imagem que está representada dentro desta rede social.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Adriana. *Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da web*. Revista Fronteiras - estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 11, n. 1, jan./abr. 2009.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Teodoro. *Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006.
- BARNES, J.A: "Redes Sociais e Processo Político", In: B. Feldman-Bianco (org.) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. Métodos, São Paulo: Global, 1987, pp. 159-194
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: NovaFronteira, 1984.
- _____. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECKER, Howard S. *Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita – o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro, Garamond, 2000.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo, sexualidade e gênero na experiência transexual* – RJ. Garamond, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A construção social dos corpos. In: ____ *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRAGA, Adriana. *Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica*. Unirevista, v. 1, n. 3, p. 1-11, jul. 2006.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: ____ *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Organizadora Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- COELHO, E. de A. C. *Gênero, saúde e enfermagem*. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, DF, v.58, n.3. Mai/jun. 2005.
- COLLIER, Jr, John. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU, 1973.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- FAUSTO-STERLING, Anne. *Dualismo em duelo*. Cadernos pagu (17/18), pp.9-79, 2002.

FERREIRA, Vitor Sérgio, "A tatuagem e o body piercing como arte corporal de ética da dissidência", In Victor Correia (org.), *Corpologias – vol. I: O corpo humano e a arte*, Óbidos: Sinapis, 2014.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michael. O nascimento da Medicina Social e O nascimento do Hospital. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRUGOLI Junior, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GEERTZ, C. Estar aqui: de quem é a vida afinal? In: GEERTZ, C. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GIUMBELLI, Emerson. *Para além do trabalho de campo: reflexões supostamente malinowskianas*. RBCS Vol. 17 nº 48 fevereiro/2002

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. *A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line*. UFRGS e Colégio Militar de Porto Alegre, 2004.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: Sage. 2000.

JUSTA, Juliana Frota da. "Justo quando a lagarta achava que o mundo tinha acabado, ela virou uma borboleta: uma compreensão fenomenológica da travestilidade, a partir de narrativas. Monografia . Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 108f.2006.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama etnográfica*. São Paulo. Editora Ateliê, 3ª edição. 2002.

KOZINETS, Robert V. *The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities*. Journal of Marketing Research. v. 39, fev. 2002.

KULICK, Dom. *Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, 2008.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MACDOUGALL, David. *Novos princípios da antropologia visual*. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, 21(2): 19-31, 2005.

MARA e ROSA, Gabriel Artur; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. *Facebook e as Novas Identidades Virtuais*. Brasília: Thesaurus, 2013.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e antropologia*. EPU, São Paulo, 1974.

_____.As técnicas corporais. In: ____ *Sociologia e antropologia*.São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo. Cultrix,1964.

MOORE, Henrietta. *Understanding sex and gender*. In: INGOLD, Tim (ed.) *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres: Routledge, 1997, p.813-830. Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático.

MOREIRA LEITE. "Texto Visual e Texto Verbal". IN: *Desafios da Imagem*, orgs. Feldmanbianco& Moreira Leite. Campinas: Papius, 1998.

NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, VOL8. N.2/2000, pp. 09- 41

NÓBREGA, Livia de Pádua, *A construção de identidades nas redes sociais - fragmentos de cultura*, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010.

NOVELLI, M. *Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet?* Organizações em Contexto, v. 6, n. 12, p. 107-133, 2010.

PELÚCIO, Larissa. *Na noite nem todos os gatos são pardos notas sobre prostituição travesti*. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v.25, p.217 – 248- 2005.

POLIVANOV, B. *Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet*. Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Manaus, 2013.

RIBEIRO, José da Silva. *Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2004.

RIFIOTIS, T. *Antropologia no ciberespaço*. Florianópolis: Editora da UFSC, São Paulo: Summus, 2010.

SANTOS, C. C. C. Livros de Lilitt: Processos de construção de um corpo performático. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SCHECHNER, Richard. *Performance e antropologia de Richard Schechner*. LIGIÉRO, Zeca (Org.). Rio de Janeiro: Mauadx, 2012.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia* (Onphotography); trad.: Rubens Figueiredo; São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

TACCA, Fernando de. *A antropologia e imagens em rede: a periferia na internet*. Colóquio "Direito autoral, de imagem, som e produções de conhecimento. USP. Jun/2005.

TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974

VELHO, Gilberto. Observando o familiar.In: *Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Zahar. Rio de Janeiro. 1997.